

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número:

302

Mês: Setembro

Ano: 2024

Preço: R\$ 5,00

A premiada Adélia Prado

Uma semana após conquistar o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, a mineira, de 88 anos, foi anunciada, também, como a vencedora do Prêmio Camões 2024. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

A homenagem prestada pela Academia Brasileira de Letras à escritora Adélia Prado foi mais do que justa. Os seus dotes literários são reconhecidos universalmente e chegou a vez da Casa de Machado de Assis. A entrega do Prêmio realizou-se com a presença de um bom público. A publicação do evento neste número do JORNAL DE LETRAS complementa esse momento importante da nossa vida literária. Vale o registro de que não devemos nunca deixar passar momentos de tal relevo em nossa vida cultural, simplesmente por uma questão de justiça. Além da defesa da língua portuguesa, a ABL tem também o dever de homenagear os seus ídolos.

O Editor

“Nem a arte nem a literatura têm de nos dar lições de moral. Somos nós que temos de nos salvar, e isso só é possível com uma postura de cidadania ética, ainda que isto possa soar antigo e anacrônico.”

José Saramago

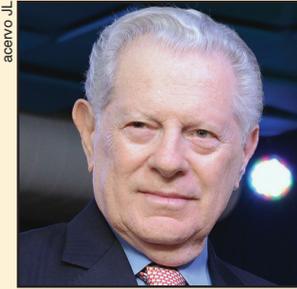


O lançamento da revista *A Força da Palavra*, da ABL, lotou a Livraria da Travessa. Na foto, os acadêmicos Ruy Castro, Rosiska Darcy de Oliveira e Joaquim Falcão, com Cristina Aragão e o jornalista Fernando Gabeira (de pé).

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
 INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Passarinho na vida pública

Pode-se julgar a conduta de um homem público somente por uma frase? Infelizmente, isso tem sido feito em nosso país, quando se fala em Jarbas Gonçalves Passarinho. Ele foi um competente governador do Estado do Pará e igualmente um excelente ministro da Educação, mas ficou duramente marcado por ter aderido ao fatídico AI-5. Em resposta ao então ministro Delfim Neto, quando se discutia o destino do país, soltou a frase infeliz que tisonou a sua biografia: “Vamos mandar às favas os escrúpulos.”

Mas não se pode esquecer que, entre outras coisas, ele foi o responsável pela histórica Lei nº 5692/71, que criou a reforma do ensino profissionalizante. E acabou sendo conhecida como a “Lei Passarinho” pelas inovações trazidas à educação brasileira.

No livro *A Nova Educação*, de Bloch Educação, 1985, na página 29, está escrito que “A Lei 5692, que reformou o ensino de 1º e 2º graus, ganhou o nome de Lei Passarinho. Com direito a elogios e críticas, uma das quais – a mais contundente – refere-se à obrigatoriedade do ensino profissionalizante. Só que a infeliz ideia teve outros autores: o senador António Carlos Konder Reis, o deputado Bezerra de Melo e integrantes da bancada paulista. Esse capítulo foi reformulado por outra lei (7044). O ensino profissionalizante não é mais obrigatório, mas de certa forma deve ser oferecido aos nossos jovens. Precisamos de milhares de técnicos de nível intermediário.”

Esse fato foi recentemente muito discutido quando o tema era o novo ensino médio. Teremos novas posturas a partir do próximo ano letivo e haverá oportunidade para alterações substanciais.

Lembro também que ele criou um grupo de trabalho para estudar a implantação da Universidade Aberta no Brasil. Isso sempre foi uma necessidade, que costumamos a entender e colocar em prática.

Não se esperava que o então ministro da Educação resolvesse todos os problemas da educação brasileira num curto espaço de tempo. Como não se tem essa mesma expectativa com relação ao atual ministro Camilo Santana, que tem na sua biografia um excelente trabalho no Estado do Ceará. E agora faz o que pode pelo país, como a generosa iniciativa do projeto “Pé-de-Meia”, que devemos aplaudir com todo empenho. Vai ajudar alunos que se encontram fora da escola e passam a ter boas oportunidades, com um inesperado financiamento.

Lembro mais uma vez de Jarbas Passarinho, nos seus tempos de ministro da Educação. Teve um diálogo com Gilson Amado, que dirigia os programas de teleducação. Passarinho cobrava de Gilson Amado a criação de uma teledidática nacional. “Filmar aulas pela televisão é pouco para o que pretende o país”, dizia ele. E Gilson esgrimia como era possível, tentando justificar a necessidade de maiores recursos financeiros para a sua Fundação. Passaram-se os anos e o quadro, na verdade, se altera muito pouco. A pergunta que se faz é: quando teremos uma teleducação identificada com a Política Nacional de Educação?

Concluimos essa pequena intervenção com a reiteração da esperança de que o novo ensino médio traga boas esperanças ao nosso ensino. Não haverá alterações no Enem. A prova anual continuará alinhada à formação geral da Base Nacional Comum Particular, como queria o ministro da Educação.

MEC empossa novos membros do Conselho Nacional de Educação

Por Manoela Ferrari

Foi concorrida, em Brasília, a posse dos 13 novos conselheiros do Conselho Nacional de Educação (CNE). Eles representam a sociedade civil e possuem amplo reconhecimento nas áreas de educação, ciência e cultura. A designação dos novos membros foi feita pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por meio de Decreto Presidencial publicado no dia 5 de agosto.

A cerimônia de posse aconteceu no Auditório Anísio Teixeira, localizado na sede do CNE, e contou com diversas autoridades, como parlamentares, presidentes de entidades e ministros de tribunais. Em seu discurso, o ministro da Educação, Camilo Santana, lembrou que o Conselho Nacional de Educação é uma das mais antigas e respeitadas instituições do Brasil, criada no ano de 1911 como Conselho Superior de Ensino. O ministro Santana deu boas-vindas aos novos membros: “Vocês chegam em um momento crucial, em que o nosso país precisa de reconstrução, da reafirmação de princípios e de um olhar atento



Os novos membros do Conselho Nacional de Educação receberam os cumprimentos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Auditório Anísio Teixeira, na sede do CNE, em Brasília.

Os amores de Latino Coelho

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Algum tempo atrás, registrava eu a facilidade com que atualmente se consultam registros – documentos, imagens, arquivos de áudio – nas páginas das organizações provedoras de informação internet a fora. Só que resta ainda muita informação disponível apenas nos registros em que fora originalmente criada. É o caso do material gerado como resultado da atividade jurisdicional, processos judiciais ou outros registros, a exemplo de súmulas de julgamentos. Dedicar-se ao seu estudo requer munir-se de dose extra de paciência e dedicação; por exemplo, deslocando-se até a sede dos arquivos para consulta presencial.

Fazendo isso, consultando arquivos em Lisboa em recente volta à cidade, aproveitei para um passeio pela feira dos alfarrabistas no Chiado, num sábado pela manhã. Entre um dicionário corográfico das freguesias portuguesas e uma biografia de Camilo Castelo Branco adquiri interessante volume intitulado *Os Amores de Latino Coelho*, de autoria de Brito Camacho, editado em 1924 pela Livraria Editora Guimarães e Cia, de Lisboa.

O volume, em perfeito estado de conservação, trata de tema curioso: cartas de amor redigidas pelo grande publicista português do século XIX José Maria Latino Coelho. Aliás, redigidas pelo engenheiro militar, jornalista, filólogo, historiador, ensaísta e político (deputado, par do reino, ministro), nascido em Lisboa, em 1825, e que faleceu

às necessidades educacionais. Estou confiante que, com competência e dedicação dos novos conselheiros, conseguiremos avançar nessas frentes, promovendo uma educação que seja de fato um direito de todos os brasileiros”, destacou.

De acordo com o ministro, a atuação do conselho tem sido fundamental para os avanços tanto na educação básica quanto na superior. Ele ressaltou que a educação é uma prioridade do governo do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, para garantir a todos os brasileiros uma educação pública, gratuita, democrática e de qualidade: “O CNE é uma das instâncias deliberativas normativas e de assessoramento essencial para a formulação de políticas educacionais que assegurem a participação da sociedade e o aperfeiçoamento da educação nacional.”

Novos membros

Ao todo, o CNE conta com 24 conselheiros, sendo 22 representantes da sociedade civil e dois membros natos do MEC (os secretários de Educação Básica e de Educação Superior). Os treze novos integrantes vão atuar com outros nove, que foram nomeados em 2022 e possuem mandato até 2026. Na Câmara de Educação Básica, foram empossados: Antônio Cesar Russi Callegari; Cleunice Matos Rehem; Gastão Dias Vieira; Givânia Maria da Silva; Heleno Manoel Gomes de Araújo Filho; Israel Matos Batista; Maria do Pilar Lacerda Almeida e Silva; e Mariana Lúcia Agnese Costa e Rosa.

Já a Câmara de Educação Superior será composta por: Celso Niskier; Ludhmila Abrahão Hajjar; Mônica Sapucaia Machado; Otávio Luiz Rodrigues Junior; e Maria Paula Dallari Bucci, cujo mandato se iniciará apenas no dia 19 de agosto, tendo em vista que um conselheiro empossado em 2020 terá mandato até 18 de agosto.



O professor Celso Niskier, diretor presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras do Ensino Superior (ABMES), tomou posse na Câmara de Educação Superior do CNE, recebendo os cumprimentos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

em Sintra, em 1891. Um homem do oitocentos, cronológica e ideologicamente falando. Sua monumental *História Política e Militar de Portugal, Desde os Fins do XVIII Século a 1814*, publicado entre 1874 e 1891, é um repositório de informações sobre o intrincado período, hoje lido criticamente pelos pesquisadores por conta de alegado favoritismo do autor ao controverso ministro Marquês de Pombal.

Mas de que trata o livro de que dou notícia aqui? Ora, segundo o descrevem os biógrafos, foi Latino Coelho “um cerebral e um tímido”, de quem “debalde” alguém “procuraria rastros das grandes tempestades que em certas almas são os paramos do céu e os vórtices do inferno” (CAMACHO, p. 5). A esse propósito publicara Albino Forjaz Sampaio, na esteira da voz corrente, crônica referindo a aridez amorosa de Latino Coelho. A que o escritor Manuel de Brito Camacho, também ele militar, publicista e político, atalhou, munido de seis cartas amorosas dirigidas por Latino Coelho a uma moça, dona de seus afetos. Cerimoniosas cartas obtidas por Brito Camacho, traduzindo os máximos arroubos a que se permitia o missivista, que “amou, mas amou sempre cerimoniosamente, num namoro cheio de pragmática e atenções de protocolo” (CAMACHO, p. 7). O livro é um belo resgate de traços da personalidade de José Maria Latino Coelho, “desfazendo com provas uma grave, se bem que honesta, injustiça da crítica literária”. O que nos põe a pensar: fazem-se ainda trabalhos de investigação com esse propósito hoje em dia?

Não importa. Surpreendeu-me mais o fato de que o centenário volume, adquirido por módicos oito euros, trata-se do exemplar autografado oferecido por Brito Camacho a Forjaz Sampaio, cuja crônica inspirou ao autor o trabalho investigatório: “Ao Albino Forjaz, com um afectuoso abraço Off. ce o seu velho a. m e admirador Brito Camacho. Lisboa, 924.” Feliz e curiosa coincidência, que garante ao exemplar lugar especial na estante do interessado na história literária e particularmente nas personagens envolvidas.

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

● **SEM FIM JOAQUIM** (Ed. Moderna), da acadêmica Ana Maria Machado, leva às crianças o mundo da matemática, com belas ilustrações de Maria José Arse.

● EM **DIREITOS DE/PARA TODOS** (Ed. Bazar do Tempo), a ministra do STF Carmem Lúcia retoma 30 artigos da Declaração dos Direitos Humanos e escreve sobre eles. Cada artigo é ilustrado por uma obra do pintor Candido Portinari.

● **MASSACRE EM VIGÁRIO GERAL** (Ed. Record) traz testemunhos exclusivos, análises e temas como corrupção e milícias, em vigorosa obra de Elenilce Bottari, Elba Boechat e Chico Otávio.

● DUDA MACHADO – HERDEIRO LÍRICO de João Cabral de Melo Neto, como sugerem alguns críticos – ganhou reunião completa da obra, numa edição especial pela Editora Fósforo, para marcar o aniversário de 80 anos: *Poesia 1969-2021*.

● LUCIO COSTA – LE CORBUSIER – CORRESPONDÊNCIA (Ed. Bem-te-vi), organizado por Julieta Sobral e Cláudia Pinheiro, revela encontros e desencontros entre o mestre francês e o discípulo brasileiro que marcaram a história da arquitetura.

● **AMANTES DA PALAVRA** (Ibis Libris), de Betty Milan, faz uma bela homenagem à poeta Neide Archanjo (1940-2022).

● COM TEXTOS SOBRE MACHADO DE ASSIS, Graciliano Ramos, Portinari e até D. Pedro II, nova coletânea de Otto Maria Carpeaux (1900-1978), organizada por José Carlos Zamboni para a Editora Sétimo Selo, traz textos inéditos entre os 40 reunidos.

● MISTURA DE ENSAIO POÉTICO E FILOSOFIA, *Alfabeto das Colisões* (Ed. Ubu), do professor da USP Vladimir Safatle, navega por disciplinas como ética, psicanálise e estética.

● NO ROMANCE *A MALA* (Ed. Kalinka), Serguei Dovlátov, um dos mais celebrados dis-

sidentes da literatura russa, censurado por mais de uma década, expõe toda a rigidez no Regime Soviético.

● OFERECENDO UM PANORAMA INÉDITO da poesia negra feita por mulheres americanas no século XX, a antologia *Você Lembrará seus Nomes* foi organizada por Lubi Prates para a Editora Bazar do Tempo.

● EM *UM PORTO PARA O MAR* (Ed. Sapoti), os autores Daniela Chindler, Flávia Rocha, Gil Cardoso e Mariana Rigoli relatam a importância dos portos e ancoradouros da Baía de Guanabara no século XVII, com ricas ilustrações de Camilo Martins.

● **QUESTÕES INCENDIÁRIAS** (Ed. Bazar do Tempo) apresenta o intelecto prodigioso de Margaret Atwood em mais de 50 textos curtos, escritos entre 2004 e 2021.

● O TEXTO DE *MINHA ANÁLISE COM FREUD* (Ed. Quina), de Abram Kardiner, remete, de forma afetiva e crítica, a experiência de ser analisado por Freud, na Viena dos anos 1920.

● APÓS TRÊS ANOS DE INVESTIGAÇÃO sobre o caso do *Faraó dos Bitcoins* – que movimentou 38 bilhões, com prejuízo financeiro a 89 mil pessoas, entre 2015 e 2021, Isabela Palmeira e Chico Otávio lançaram *Queda Livre*, pela Editora Intrínseca.

● AOS 83 ANOS, COM EXPERIÊNCIA de mais de três décadas em jornais, Álvaro Caldas reúne crônicas sobre a história do país em *Da minha Janela Não Vejo o Fim do Mundo* (Ed. Garamond).

● COM MUITO LIRISMO, *O Jardim de Algodão* (Ed. Pallas), de Tino Freitas, é inspirado na relação de avós e netos. A obra traz lindas ilustrações de Ionit Zilberman.

● **DIVÃ EM SÉRIE** (Ed. Tordesilhas) inverte o papel da psicanalista Livia Garcia-Roza. Ao vasculhar sua própria juventude, a autora, que teve carreira na Psicanálise, se põe no lugar de paciente.

RASCUNHO?



● **RECALCULANDO A ROTA** (Ed. Plataforma), de Aimee Oliveira, fala sobre jovens adultas da periferia do Rio.

● NA AUTOBIOGRAFIA *MULHER DA VIDA* (Ed. Oficina Raquel), Benny Briolly, negra, transgênero, nascida na periferia e ligada à umbanda, fala dos próprios desafios diários.

● AYN RAND (1905-1982), famosa escritora russa, ganhou edição comemorativa dos 75 anos do seu romance de estreia. *Nós que Vivemos*, com tradução de Matheus Pacini, foi lançado pela Editora Minotauro/Almedina Brasil.

● **A ARTE DE DRIBLAR DESTINOS** (Ed. Fósforo), de Celso Costa, vencedor do prêmio Leya 2022, narra a história comvente de um garoto do interior do Paraná, nos anos 1960.

● MUITAS IDEIAS UNEM Joana D'Arc e Maria Quitéria. É o que podemos desvendar em *Revolucionárias* (Ed. Planeta), de Isabelle Anchieta.

● GANHADOR DO PRESTIGIADO *Prix Révélation* do Festival Angoulême, na França, a HQ *Uma Estrela Tranquila* (Ed. WMF), de Pietro Scarnera, joga luz na história de Primo Levi (1919-1987).

● A MÚSICA É O TEMA CENTRAL DE *O Baixo Alberti* (Ed. Elo), de Ana Calle, com ilustrações de Dipacho.

● BETINA GONZÁLEZ, ESCRITORA ARGENTINA, diseca as diversas etapas da criação literária em *A Obrigação de Ser Genial* (Ed. Bazar do Tempo).

● COM 63 HISTÓRIAS SOBRE O BAIRRO, *Copacabana Dreams* (Ed. Companhia das Letras), de Natércia Pontes, apresenta contos que registram a rotina de um lugar icônico.

● EM *NOITES DA PESTE* (Ed. Companhia das Letras), Orhan Pamuk, vencedor do Nobel 2006, mescla ficção histórica com nossa realidade recente.

● SAGAZ E IRÔNICO, *Lord Lyllian: Missas negras* (Ed. Ercolano) apresenta uma tradução inédita do romance mais conhecido do poeta e romancista gay francês Jacques Fersen (1880-1923).

● **SITIADO EM LAGOS** (Ed. Perspectiva) conta histórias do autor Abdias Nascimento (1914-2011), ativista, criador do Teatro Experimental Negro, artista plástico e professor da Universidade de Nova York.

● *Como Asas e Âncoras* (Ed. Folhas de Relva) é o quarto livro da cearense Kátia Valevski, atualmente professora da Universidade Estadual do Norte Fluminense, em Campos de Goytacazes.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Mudanças

“As mudanças do setor passaram despercebidas pela superintendência.”

Não passaram mesmo!

Veja: **Desapercebido** significa desprovido, desprevenido.

Ex. “A amiga estava **desapercebida** de dinheiro.”

Despercebido significa sem atenção, que não foi notado.

Frase correta: “As mudanças no setor passaram **despercebidas** pela superintendência.”

Capim Santo

“Úrsula levou Lígia para colher capim açu, no cerrado da Bahia.”

Dessa maneira, não vão colher nada.

Veja: Deve-se usar o hífen com os **sufixos de origem tupi-guarani: açu, guaçu e mirim**. Ex.: **amoré-guaçu, anajá-mirim**.

Frase correta: “Úrsula levou Lígia para colher **capim-açu**, no cerrado da Bahia.”



Estrada esburacada

“Heloísa hesitou na hora de optar pela rodovia Rio Santos, pois achava que estava muito esburacada.”

Prudência sempre é bom!

Veja: Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que ocasionalmente se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares. Ex.: ponte **Rio-Niterói**, eixo **Rio-São Paulo** etc.

Frase correta: “Heloísa hesitou na hora de optar pela rodovia **Rio-Santos**, pois achava que estava muito esburacada.”

Descarrilhamento

“O trem descarrilhou antes de chegar ao destino.”

Descarrilhou ou **descarrilou**?

Tanto faz! Ambas as formas estão corretas.

Descarrilhar (desviar dos trilhos) e **descarrilar** (desviar dos carris).

Viajando

“Fiz uma bela viagem de Carnaval com amigos. Espero que eles viagem novamente ano que vem.”

Essa nova viagem não deve ocorrer...

A palavra está mal empregada na segunda frase, já que foi usado o **substantivo viagem** em vez do **verbo viajar** (conjugado no presente do subjuntivo: que eu viaje/que tu viajes/que ele viaje/ que nós viajemos/ que vós viajais/que eles viajem).

Período correto: “Fiz uma bela viagem de Carnaval com amigos. Espero que eles **viajem** novamente ano que vem.”

Valores ratificados

“Confirmamos que o valor estava correto. Os fatos retificaram a previsão do departamento.”

Melhor verificar novamente. O vocábulo foi utilizado erroneamente no período.

Veja: **Ratificar** – significa confirmar, comprovar. **Retificar** – significa corrigir, emendar.

Período correto: “Confirmamos que o valor estava correto. Os fatos **ratificaram** a previsão do departamento.”

Levando fora

“Nada há entre eu e você, somente negócios.”

Não tem nada mesmo, escrevendo desse jeito.

O pronome pessoal do caso reto **eu** só deve ser usado na função de sujeito, ou seja, antes de um verbo no infinitivo, como por exemplo: “Nada há demais entre **eu** pagar e você usar o plano da academia.”

Frase correta: “Nada há entre **mim** e você, somente negócios.”

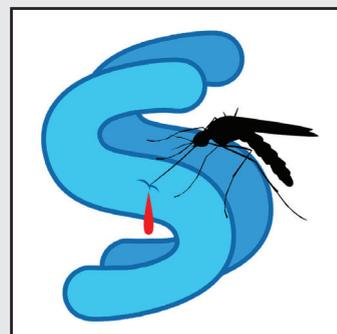
Muriçoca

“Marina pulou Carnaval numa casa na floresta e foi atacada pelas murissocas.”

Não aproveitou e nem soube escrever o nome do inseto.

Não existe a palavra “murissoca”, a grafia correta é **muriçoca** (espécie de pernilongo; a origem do nome, segundo Houaiss: “tupi *mberu’soka ‘pernilongo’, formado do tupi mbe’ru ‘mosca’ e tupi ‘soka ‘que quebra, que parte, que fura’; há tb. as f. meruçoca, moroçoca, muruçoca.

Frase correta: “Marina pulou Carnaval numa casa na floresta e foi atacada pelas **muriçocas**.”



Trio elétrico

“Murilo queria saber se o trio elétrico tinha marcha ré.”

Escrevendo assim, cuidado para não ser atropelado!

Não existe “marcha ré”. O correto é **marcha à ré**.

Frase correta: “Murilo queria saber se o trio elétrico tinha **marcha à ré**.”

A vitória de Guernica

Paul Éluard*

1
Belo mundo dos pardieiros
Da mina e dos campos

2
Caras boas para o fogo boas para o frio
Para as recusas para a noite para as injúrias para
[os golpes

3
Caras boas para tudo
Eis o vazio que vos fixa
Vossa morte vai servir de exemplo

4
A morte coração derrubado

5
Fizeram-vos pagar o pão
O céu a terra a água o sono
E a miséria
Da vossa vida

6
Diziam desejar a boa inteligência
Racionavam os fortes julgavam os loucos
Davam esmola dividiam um soldo ao meio
Saudavam os cadáveres
Cumulavam-se de delicadezas

7
Insistem exageram não são do nosso mundo

8
As mulheres as crianças têm o mesmo tesouro
De folhas verdes de Primavera e de leite puro
E de tempo
Nos olhos puros

9
As mulheres as crianças têm o mesmo tesouro
Nos olhos
Os homens defendem-se como podem

10
As mulheres as crianças têm as mesmas rosas
[vermelhas
Nos olhos
Cada uma mostra o seu sangue

11
O medo e a coragem de viver e de morrer
A morte tão difícil e tão fácil

12
Homens para quem este tesouro foi cantado
Homens por quem se perdeu este tesouro

13
Homens reais para quem o desespero
Alimenta o fogo devorador da esperança
Abramos juntos o último rebento do futuro

*Algumas das Palavras

Tradução: António Ramos Rosa e Luiza Neto Jorge
Publicações Dom Quixote / 1977

Camões, um inesquecível clássico da literatura lusa

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira*

Na literatura, consideram-se escritores clássicos os que possuem obras que resistiram ao tempo. Elas continuam a ser lidas e apreciadas no decorrer dos séculos. São atemporais. Preservar esses escritores é como conservar uma parte essencial da nossa história e cultura. Suas obras são tesouros literários que devem ser apreciados e transmitidos para as futuras gerações. Elas ajudam a ampliar nosso conhecimento cultural, permitem-nos ter contato com diferentes épocas e abordagens universais eternas como o amor e a morte. E Luís Vaz de Camões é um dos clássicos do Renascimento português.

Camões, soldado, poeta, dramaturgo, autor do poema épico *Os Lusíadas*, revelou grande sensibilidade para escrever sobre os dramas humanos, sejam amorosos ou existenciais. Ele é considerado o maior escritor do período do Classicismo e apontado como um dos maiores representantes da literatura mundial. Em sua época foi pouco reconhecido, mas deixou para a posteridade uma riquíssima obra e mostrou nela o seu vasto conhecimento, sensibilidade e filosofia, como a traduz com humor na décima *Esparsa ao desconcerto do Mundo* (1977, p. 17): “Os bons vi sempre passar/ No mundo graves tormentos: / E para mais me espantar, / Os maus vi sempre nadar/ Em mar de contentamentos. / Cuidando alcançar assim/ O bem tão mal ordenado, / Fui mau, mas fui castigado: / Assim que, só para mim/ Anda o mundo concertado”.

Pouco se sabe da vida de Vaz de Camões. O local e os anos de nascimento e morte ainda são incertos. Sabe-se que nasceu em Lisboa, por volta de 1524, que faleceu em 1580, estudou em Coimbra, morreu pobre e seu escravo Jau, à noite, mendigava o sustento de ambos, e que amou a várias mulheres. O dia 10 de junho, quando faleceu, foi o escolhido para Dia de Portugal, de Camões, Comunidades Portuguesas, e da Língua Portuguesa. Neste ano celebram-se os 500 anos de nascimento de Luis Vaz de Camões.

Na obra magna camoniana *Os Lusíadas*, ele envolve todo o povo lusitano. É uma obra épica, na qual o poeta faz, entre fatos históricos, dados geográficos e mitos, a narrativa da viagem de Vasco da Gama de Lisboa à Índia. Nas duas primeiras oitavas do Canto I, que dá início à obra, ele menciona o objetivo de estender a narrativa além da pátria para destacar a ação expansiva portuguesa, ao mesmo tempo em que louvaria os reis e os valorosos homens que fizeram parte desta expedição.

1

*As armas e os Barões assinalados
Que da Ocidental praia Lusitana
Por mares nunca de antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;*

2

*E também as memórias gloriosas
Daqueles Reis que foram dilatando
A Fé, o Império, e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando,
E aqueles que por obras valerosas
Se vão da lei da Morte libertando,
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.*

Esta épica, por sua magnitude, é síntese e sublimação da literatura portuguesa. No canto 1, o poeta lamenta a crueza das guerras: “No mar tanta tormenta e tanto dano, / Tantas vezes a morte apercebida; / Na terra tanta guerra, tanto engano, / Tanta necessidade aborrecida! / Onde pode acolher-se um fraco humano, / Onde terá segura a curta vida, / Que não se arme e se indigne o Céu sereno / Contra um bicho da terra tão pequeno.”

A existência de Camões como literato e ou soldado era alternada com uma vida boêmia. Nesse ambiente amou e, num soneto, conceituou esse sentimento como “fogo”: “Amor é um fogo que arde sem se ver; / É ferida que dói e não se sente; / É um contentamento descontente; / É dor que desatina sem doer.” Também, em outro soneto, considera o Amor uma “fatalidade” que submete o ser humano e modifica os seres, pois o amor “Transforma-se o amador na cousa amada, / Por virtude do muito imaginar; / Não tenho, logo, mais que desejar, / Pois em mim tenho a parte desejada. // Se nela está minha alma transformada, / Que mais deseja o corpo de alcançar? / Em si somente pode descansar, / Pois consigo tal alma está liada.”

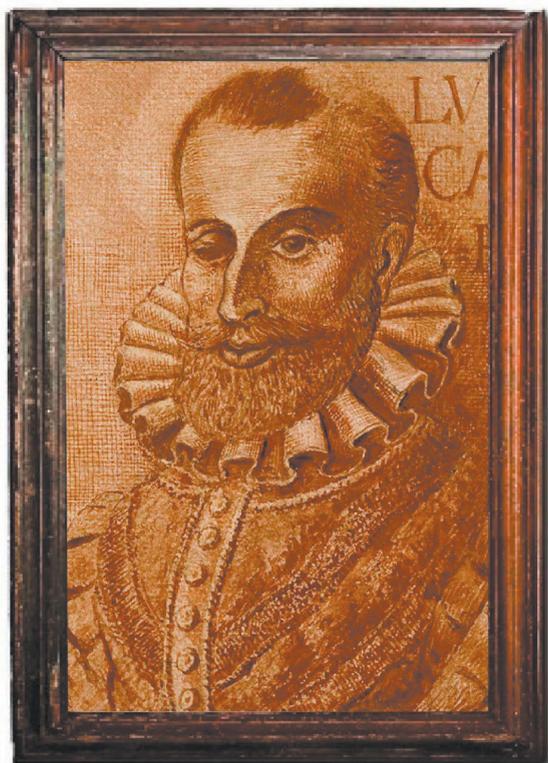
O tema amoroso aparece na obra de Camões tanto nos sonetos, nas canções e nas élogos como na sua obra épica *Os Lusíadas*, seja em forma de paixão e de desejo que visa a encontrar a mulher, como no Canto IX, quando o bardo menciona a Ilha dos Amores, lugar e prêmio para os fatigados navegadores. Também, o amor é mencionado em forma de louca paixão, no Canto III, quando Inês de Castro é coroada depois de morta. No Canto IX, novamente ele o apresenta representando uma vitória sobre o desconcerto do mundo, porque o Amor travara “u’a famosa expedição/ contra o mundo rebelde”. Nesse Canto, na estrofe 83, o eu lírico mostra vencidos e vencedores entregues ao amor: “Oh, que famintos beijos na floresta, / E que mimoso choro que soava! / Que afagos tão suaves! Que ira honesta, / Que em risinhos alegres se tornava! / O que mais passam na manhã e na sesta, / Que Vênus com prazeres inflamava, / Melhor é experimentá-lo que julgá-lo; / Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.”

Camões, com seu claro olhar observou a realidade circundante e moral. Com agudeza e penetração atravessou a vida literária de um Portugal Quinhentista. Frequentou a vida cortesã de Lisboa, e se enrijeceu numa experiência de soldado, cruzando mares e terras de Oriente, pisando caminhos abertos e trilhados pelos heróis e por Vasco da Gama, para chegar até nós nesses 500 anos passados de seu nascimento, fazendo jus de ser um clássico da literatura mundial.

Referências:

ANDRADE, Eugênio. *Versos e alguma prosa de Luís de Camões*. Lisboa: Moraes e Editores 1977.
CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Porto: Figueirinhas, 1978. 2v.
CIDADE, Hernani. *Luis de Camões*, Lisboa: Editora Arcádia Limitada, 1961.

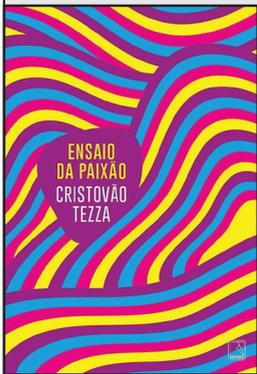
*Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.



J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



ENSAIO DA PAIXÃO

Para a nova edição de *Ensaio da Paixão* (Ed. Record), lançado originalmente em 1986, Cristóvão Tezza fez alterações no texto e escreveu um posfácio inédito, em que reflete sobre as mudanças comportamentais e na linguagem dos anos 1970 para cá. A edição conta ainda com texto de orelha assinado pelo crítico Manuel da Costa Pinto. Romance com pitadas de realismo mágico, Tezza trata de sua juventude, inspirado nos anos em que fez parte de uma comunidade de teatro e de uma sociedade alternativa em uma ilha isolada no sul do país,

em plena ditadura militar. Combinando humor explícito, com ritmo acelerado, a narrativa mostra como funcionavam as comunidades alternativas dos anos 1970 e de como elas eram vistas pelo Estado. Nascido em Lages, Santa Catarina, desde criança vive em Curitiba, Paraná. Um dos maiores expoentes da literatura brasileira dos últimos tempos, Cristóvão Tezza é autor de mais de vinte livros, incluindo *O Filho Eterno*, com o qual foi vencedor dos principais prêmios do país, como o Jabuti, Portugal Telecom, Prêmio São Paulo e Zaffari & Bourbon, entre outros. Seus livros já foram adaptados para o cinema brasileiro e para o teatro no Brasil, na Argentina e em Portugal.

ESTRELA DE MADUREIRA

Em *Estrela de Madureira: A trajetória da vedete Zaquia Jorge, por quem toda a cidade chorou* (Ed. Record), Marcelo Moutinho recupera a história de Zaquia Jorge e reconstitui a transformação cultural do Rio de Janeiro sob a ótica da vedete ícone da cultura suburbana que, em 2024, faria 100 anos. Em sua estreia como biógrafo, o autor recupera a vida da atriz e empresária do teatro, que morreu aos 33 anos, em 1957, afogada na então inóspita praia da Barra da Tijuca, causando comoção popular e especulação midiática. Sua morte trágica inspirou o samba *Madureira chorou*, grande sucesso do Carnaval de 1958. A narrativa reconstitui a vida de uma mulher à frente do seu tempo – que desafiou o estigma de mulher desquitada, abriu mão da guarda do filho e retomou, após a separação, o nome de solteira –, uma atriz incomum e fora dos padrões, que alcançou o estrelato no teatro de revista, atuou no cinema brasileiro emergente e, posteriormente, decidiu ousar como empresária das artes. Escritor e jornalista, Moutinho conquistou o Prêmio Jabuti 2022 na categoria Crônica, com *A Lua na Caixa D'água* (Malê), e o Prêmio Clarice Lispector 2017, da Fundação Biblioteca Nacional, com a seleta de contos *Ferrugem* (Record).



FUNDO DE QUINTAL

Em *Fundo de Quintal – O som que mudou a história do samba* (Ed. Malê, 2024), Marcos Salles conta histórias da trajetória do grupo musical. O nome de Salles – jornalista, escritor, produtor, roteirista e diretor de shows – foi unanimidade entre os integrantes do Fundo de Quintal para escrever a biografia, contando as quase cinco décadas de carreira da turma que ele integra desde o quarto LP. Depois de 161 entrevistas em 116 horas de gravações e três anos e 11 meses de trabalho, além de quase dois de espera por causa da pandemia, a obra foi lançada. O livro conta desde o início do grupo, na quadra do Cacique de Ramos, e como o nome foi escolhido; fala dos instrumentos criados ou usados pelo grupo de forma inovadora, da madrinha Beth Carvalho, das várias formações e de ex-integrantes que fizeram história – como Neoci, Jorge Aragão, Arlindo Cruz, Sombrinha, Cléber Augusto e Mário Sérgio –, além da bossa dos irmãos Bira e Ubirany, da censura e de como o grupo “furou a bolha” e derrubou o preconceito da mídia, que abriu as portas para o samba. Estão no livro os sucessos, os prêmios, muitas curiosidades e temas polêmicos, como as drogas.



ESTADOS UNIDOS DA ÁFRICA

Estados Unidos da África (Ed. Bebel Books), de Anderson Shon e Daniel Cesart,

apresenta a história do super-herói Rei Bantu em sua missão de trazer paz e justiça para a África. Escrita em narrativa não linear, com 184 páginas, tem projeto gráfico assinado por Manaira Abreu e prefácio de Anne Quiangala. A narrativa é repleta de referências a artistas e pensadores negros, de Conceição Evaristo a Mano Brown, de Nelson Mandela a Bob Marley. Além disso, foram usadas inúmeras referências visuais que beberam da história da moda, da arquitetura, das artes visuais e de manifestações religiosas africanas e afrodescendentes. É possível encontrar várias personalidades entre os retratados como coadjuvantes da trama. Anderson Shon é poeta, escritor e educador. Tem na carreira os livros de poesia *Um Poeta Crônico*, *Outro Poeta Crônico*, *A Despedida do Super Futuro*, *Quando as Borboletas Saem do Casulo* e *Não Termine Comigo, Joana*. Daniel Cesart é quadrinista, formado em artes visuais. Cocriador do espetáculo *Dança em Quadrinhos*. Participou da coletânea *Máquina Zero* volumes 1 e 2 com histórias curtas; ilustrou o jogo de tabuleiro *Livres para a Sinergia Games*; fez artes para a Última Plataforma, diagramou as HQs *Paxuá e Paramim*, *Contos dos Orixás* e *Contos dos Orixás – O Rei do Fogo*.



CARNAVAL AMARELO

Carnaval Amarelo (Ed. 7Letras), de Jairo Carmo, é uma viagem no tempo e nas profundezas da vida real, ficcionalizada através da história de um rapaz pobre, do interior do Pará (criado na cidade fictícia de Miradouro), que muda para o Rio de Janeiro, tendo, como pano de fundo, os anos de chumbo. Temas como o racismo, a violência contra a mulher e a desigualdade social também permeiam a trama que tem como personagem principal o advogado José Afonso, suas dores e seus amores. Com sensibilidade narrativa, o autor criou um romance tocante, que faz refletir sobre a passagem do tempo e os revezes da vida. Segundo Elias Fajardo, escritor e jornalista, trata-se de “Um romance para não esquecer, na medida em que nos coloca diante de nós mesmos e dos impasses que a vida nos impõe”. Jairo Carmo nasceu em Monte Alegre, Pará, é casado e tem cinco filhos. É professor de Direito Civil e membro da Academia Brasileira de Letras da Magistratura (ABLM). Atualmente, é tabelião titular do 4º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da cidade do Rio de Janeiro. Contista premiado pela Academia Fluminense de Letras (AFF), tem cinco coletâneas publicadas. *Carnaval Amarelo* é seu primeiro romance.



A CORTESIA DA CASA

A Cortesia da Casa (Ed. Record, 2024) é o primeiro romance de Marta Barcellos, vencedora dos prêmios Sesc e Biblioteca Nacional na categoria conto. Instigante e irônico sobre a superficialidade, a trama é ambientada em um spa de luxo da serra fluminense. Trata dos conflitos de uma mulher de meia-idade que busca refúgio em um hotel que oferece serviços de emagrecimento e descanso para endinheirados. O texto de orelha é assinado por Claudia Lage, que ressalta a sagacidade da escrita de Marta e a linguagem falsamente frívola que utiliza para desenvolver a sua personagem principal, remetendo à Bertha Young de “Êxtase”, conto de Katherine Mansfield. Com um trabalho de ocultamento na linguagem, sem resvalar para a caricatura, *A Cortesia da Casa* se vale do ambiente artificial do spa para mostrar a crise de meia idade de uma mulher que subitamente se sente descartada. Marta Barcellos é escritora e jornalista, autora do livro de contos *Antes que Seque* (2015), vencedor do Prêmio Sesc de Literatura e do Prêmio Clarice Lispector da Fundação Biblioteca Nacional, além de finalista do Prêmio Rio de Literatura e semifinalista do Oceanos. Carioca, é formada em jornalismo pela UFRJ e mestre em Literatura pela PUC-Rio.



**BERNARDO CABRAL**

O homem da Constituição

Arnaldo Niskier: Hoje, temos o privilégio de receber a visita do advogado, professor, deputado, senador, Bernardo Cabral. Ele é uma das figuras mais importantes da advocacia do nosso país. Foi presidente do Instituto dos Advogados, mas se notabilizou, na verdade, na discussão em torno da Constituição da República de 88. Quero que ele recorde um pouco do que aconteceu desse convívio de Bernardo Cabral com Ulysses Guimarães.

Bernardo Cabral: Em primeiro lugar, quero dizer que é um prazer estar aqui com você. Não é a primeira vez que estamos juntos e ao longo do tempo...

Arnaldo Niskier: 67, foi a primeira vez.

Bernardo Cabral: 67, vou lhe dizer como e quando. Você lembrou bem, mas eu devo lhe dizer que eu fui presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, não do Instituto. Sou membro do Instituto há mais de 50 anos e tem uma cadeira lá com o meu nome, você registrou bem e eu queria apenas lembrar.

Arnaldo Niskier: Lembrar o que é devido.

Bernardo Cabral: Estava olhando para você agora com os cabelos todos brancos e estava me lembrando que, na altura de 1967, você tinha um programa junto com Murilo Melo Filho, chamado *Debate em Manchete*. Eu tinha feito um discurso forte na Câmara, uns dos que motivou a minha cassação. Perdi os dez anos de direitos políticos e você, naquela altura, e o Murilo eram jovens jornalistas brilhantemente respeitados, como são até hoje. Ele faleceu deixando só você, infelizmente. Lembro que, naquela altura, ia muito com a minha mulher a Caxambu. Às vezes, saíamos para São Lourenço e, um dia, na estrada, porque você vê na estrada, tem sempre aquela placa, retorno a 100 metros, retorno a um quilômetro, tem sempre o retorno. E num desses dias, num para-choque de um caminhão, vi uma coisa que considere antológica. Era uma frase, provavelmente do motorista, que dizia: "Na estrada da vida, não existe retorno." E estou vendo agora realmente que não podemos retornar, nem eu, nem você aos cabelos negros daquela altura.

Mas, naquela altura, estávamos em pleno governo militar e vocês eram muito corajosos, porque conseguiram embutir numa entrevista o que seria censurado previamente pelo governo militar, não fosse a inteligência que você sempre teve, sempre abusou dela, justiça seja feita. Lembro que o tempo foi passando e chegamos a Assembleia Nacional Constituinte.

Arnaldo Niskier: Você como relator geral.

Bernardo Cabral: E fui o único relator das Assembleias Nacionais Constituintes, no Brasil só tivemos cinco. Fui eleito pelos deputados que eram a composição do nosso partido. No Império, o imperador escolheu o relator, depois, quando veio a República, todos foram escolhidos ou pelo presidente da República ou pelo presidente da Constituinte. Ulysses não me escolheu, não escolheu nem a mim nem a ninguém. Ele foi tangido por toda a bancada para que fosse escolhido o relator pela bancada. Tínhamos três nomes: o Fernando Henrique Cardoso, que era líder do MDB no Senado; o Pimenta da Veiga, que era líder do partido na Câmara; eu era do MDB, eu fui fundador do MDB, que depois virou PMDB. Soubemos que o Pimenta da Veiga tinha sido a ele prometido, como mineiro, pelo próprio Tancredo Neves, que era primeiro, que ele o escolheria da sua eleição para presidente, para relator. Foi o Tancredo quem escolheu aquela comissão de grandes juristas, presidida por Afonso Arinos, para fazer um relatório e um projeto, um esboço para a Assembleia Constituinte e foi feita. Só que o Fernando Henrique era paulista e tinha o beneplácito para o Ulysses. Então havia um choque, entrei e disse: "Ulysses, eu fui deputado federal cassado, eu fui presidente da Ordem dos Advogados, o Fernando Henrique é um homem de muito talento, tanto foi brilhante, que foi presidente da República..."

Arnaldo Niskier: E meu colega hoje na Academia Brasileira de Letras.

Bernardo Cabral: Mercedamente. "E o Pimenta da Veiga é um advogado de poucos anos, eu já tenho quase 20. De modo que eu não vou querer que isso seja assim." E alguém da reunião das lideranças disse: "Isso aqui não é um compadrio. Isso tem que ser escolhido pela bancada." Então fomos escolhidos para a bancada, os três para falar e disputar. Fernando Henrique falou primeiro, eu falei em segundo e o Pimenta falou por último. Feito um escrutínio apurado, o Fernando Henrique teve 90 votos, eu tive 94, mas o Pimenta da Veiga teve 94. Empatamos e o Fernando Henrique foi excluído. Disputamos um segundo turno, tive 120 votos e o Pimenta teve só mais uns quatro ou cinco votos. De modo que fui escolhido relator. Com essa escolha, que eu tinha denunciado no meu discurso, que se fosse escolhido, não seria subordinado nem ao presidente da República, Sarney, nem ao presidente da Constituinte, Ulysses. Eu era independente, porque inclusive era deputado cassado, que tinha cumprido

os meus dez anos de direitos políticos. Perdi e cumpri, nunca fui anistiado. Eu cumpri a minha pena. Então, havia uma independência total e foi assim que fizemos. Só que o Sarney, quando chegou ao trabalho do Afonso Arinos, ele engavetou, porque todos que tinham terminado o trabalho nessa comissão de notáveis sugeriam que o nosso sistema de governo fosse parlamentarista. E, é claro, o Sarney, como era presidencialista, arquivou e não mandou. E a Assembleia Nacional Constituinte começou do nada, pedra sobre pedra, tijolo sobre tijolo, não tinha absolutamente nada. Começamos com oito comissões temáticas, cada uma é o título da Constituição, mas se subdividia em três sub-comissões, tinha um relator da subcomissão e um relator para cada comissão. Mas a principal era o meu trabalho com a Comissão de Sistematização, que era do relator, que depois foi o relator geral. Conquistei muitos adversários, porque, quando chegaram às minhas mãos os trabalhos das comissões temáticas, havia uma coisa que se sobrepunha a outra. Então, de 2000 e tantos artigos, reduzimos a Constituição para 245. Infelizmente, hoje ela está cheia de emendas, cujo propósito não é bem discutido...

Arnaldo Niskier: Na verdade, desfiguraram a chamada organicidade desse instrumento.

Bernardo Cabral: Realmente, como o tempo passou, as pessoas vão esquecendo da época dura que tivemos, porque estamos saindo, com o trabalho da Constituinte, de uma excepcionalidade institucional para um reordenamento constitucional. Aqueles áulicos que gostam sempre de endusar quem está na Presidência da República diziam que a Constituição não duraria seis meses, que ela tornaria o país ingovernável. Eu tinha três excelentes relatores adjuntos. Só esses três foram relatores adjuntos. Vou citar o nome com muito respeito, porque muitos se intitulam que foram relatores substitutos, não, só esses três. O único que está vivo é o senador José Fogaça, grande parlamentar, foi inclusive prefeito de Porto Alegre, está vivo, é um grande jurista, um bom advogado. Depois Konder Reis, que foi o relator daquela Constituição, que foi governador de Santa Catarina, grande constitucionalista. E o Adolfo, que era um deputado aqui do Rio de Janeiro, apesar de médico, era um bom tributarista também, então esses três eram relatores adjuntos. O que eu quero dizer é que o nosso trabalho, com o apoio do Afonso Arinos, que era o presidente da Comissão de Sistematização, aprovou o sistema parlamentarista, mas, quando chegou no plenário, aqueles cidadãos que estavam muito interessados, que tinham recebido canais de televisão e de rádio, derrubaram e votaram o sistema presidencialista. Eu me lembro, o Fogaça de testemunha está aí, que chamei o líder do pessoal presidencialista e disse: "Olhe, vai correndo, você que é o líder com os teus companheiros, e tira a medida provisória que está no texto do projeto, que medida provisória não convive com sistema presidencialista, só com sistema parlamentarista. Sabe por quê? Porque vocês darão ao presidente da República, se não retirar a medida provisória do texto, uma arma que nenhum ditador teve

de poder, que ele vai se substituir, vai substituir o Poder Legislativo.” E foi o que aconteceu, não tiraram e isso ficou. Por que eu digo isso? No presidencialista, o chefe de governo e o chefe de Estado é uma pessoa só. Mas no sistema parlamentarista, o primeiro-ministro é o chefe do governo, e o presidente é o chefe de Estado, que é o caso da Inglaterra, onde tem o sistema parlamentarista. O cidadão, ao assumir o governo, apresenta o seu projeto de governo e é isso que o sistema parlamentarista exige. Se ele for aprovado, ele fica. Se não for aprovado no governo dele, ele tem que sair. No presidencialismo, o primeiro presidente da República sofreu *impeachment*, segundo sofreu *impeachment* e não houve, como no passado você se lembra... Quando o Costa e Silva teve o acidente vascular cerebral, quem deveria ter assumido a Presidência da República era o Pedro Aleixo, que era o vice-presidente, mas o trio não deixou. Quem foi que assumiu? O ministro da Marinha, ministro da Guerra e o ministro da Aeronáutica, essa trindade proibiu o vice-presidente de assumir. Mas veja na atual Constituição, quando o Presidente da República sofreu *impeachment*, o Collor de Mello, quem assumiu o governo não foi a trindade militar, foi o vice-presidente da República. Depois, com a senhora Dilma também, quem assumiu a Presidência da República foi o vice. Por quê? Porque a Constituição de 1988 fez o que lhe disse, o reordenamento constitucional, tirando o país da excepcionalidade, então esta é que é a Grande Constituição. Paro por aqui porque é muito longa essa história.

Arnaldo Niskier: É muito bonito. Estive com o presidente Sarney há pouco, na Academia Brasileira de Letras. Ele foi à posse da Lilia Schwarcz e estava lá firme. Elogiou meus cabelos brancos, fiquei muito orgulhoso de ter estado com ele. Ele era presidencialista ou era parlamentarista?

Bernardo Cabral: Ele era presidencialista. Não sei agora como ele é, mas naquela altura foi ele, por ser presidencialista, quem mandou arquivar o trabalho do Conselho na comissão de notáveis. Sarney assumiu, não porque tinha sido eleito presidente da República, assumiu a vacância deixada por Tancredo Neves. Se o Tancredo Neves tivesse assumido a Presidência da República, ele teria, sem dúvida nenhuma, aproveitado o trabalho. Agora quero apenas dizer para o grande público que tem uma coisa que vocês não sabem. A morte do presidente Tancredo Neves motivou duas coisas. Eu sei, porque estava presente, quando ele convidou para ser ministro de Educação exatamente o cidadão que está me entrevistando. Mais uma perda que a nação teve, porque até hoje nunca tivemos um secretário de educação do calibre, da qualidade de Arnaldo Niskier.

Arnaldo Niskier: Mas você foi ministro da Justiça...

Bernardo Cabral: No governo Collor. Quando ele me convidou, disse a ele que não aceitaria, porque eu tinha feito a campanha toda de Ulysses, já que eu era muito amigo. Eu era do PMDB, mas ele foi muito correto, disse: “Quero alguém que tenha o seu estofamento constitucional, por isso eu não faço nenhuma restrição.” Disse ao Ulysses que tinha

sido convidado, ele aprovou, o Mário Covas... Todos aprovaram que era bom que fosse um amigo. E fui até a hora em que foi possível permanecer. Quando não foi mais possível, pedi exoneração.

Arnaldo Niskier: Mas você foi um homem da cultura política do nosso país muito importante e por isso recebeu vários títulos. Doutor Bernardo Cabral é doutor *honoris causa* de uma série de universidades brasileiras, como a UNIRIO, como a Santa Úrsula, tudo com muito mérito. E a gente tem orgulho de ser amigo dele. Sua atividade hoje diária, como consultor da Confederação Nacional do Comércio de Bens e Serviços...

Bernardo Cabral: É consultor da presidência.

Arnaldo Niskier: Consultor da presidência. O Presidente da CNC é José Roberto Tadros, uma outra figura notável da política da administração do nosso país. Como é esse trabalho de consultor da presidência?

Bernardo Cabral: Em primeiro lugar, para ser repetitivo das frases de sempre, quero dizer que há 20 anos eu abandonei a política, definitivamente, nunca mais aceitei nenhum convite, porque achei que os políticos brasileiros... Por exemplo, na minha época de senador, eu sentava de um lado com o Afonso Arinos de Melo Franco e de outro, com Nelson Carneiro. Era outro nível. Abandonei definitivamente, não uso nem o título. Quando me chamam de senador, fico lembrando aqueles tempos, não que seja hoje a política brasileira, nem faço nenhum comentário. Mas, com este abandono, quando Antônio de Oliveira Santos, que faleceu, foi um grande presidente da Confederação Nacional do Comércio, disse a ele que aceitaria com algumas condições: o primeiro de não ter horário de trabalho, férias, porque eu fazia muitas conferências fora do Brasil, hoje já não saio mais do Rio de Janeiro. Tenho 92 anos de idade, trabalho diariamente, ando com as minhas pernas, não sinto nada, tive um problema na mão. O que me agrada muito é saber que, na atual composição da Confederação Nacional do Comércio, não há nenhuma solução de continuidade. O professor, historiador, advogado, empresário José Roberto Tadros, que é meu conterrâneo no Amazonas, a nossa família se dá há 100 anos, você não era nem nascido.

Arnaldo Niskier: Seu amor pelo Amazonas é notável, só posso dizer isso.

Bernardo Cabral: Eu e eles somos muito ligados ao Amazonas. Ele foi presidente da Federação e construiu no estado inteiro uma grande federação, de modo que ele me convidou para continuar. Estou muito feliz, porque ele é realmente um cidadão que vive no exterior, promovendo a nossa confederação, vive no interior do Brasil, vive em Brasília com as grandes hostes governamentais. Quer dizer, ele é um lutador pelo crescimento da Confederação Nacional do Comércio. E lhe digo mais, talvez no mundo inteiro não haja uma Confederação do estofamento da gente, dos empregados, do que ela faz, dos convênios. Todos os seus empregados, nesses três anos ou dois que nós tivemos da Covid, nenhum deles sofreu redução, nem nenhum deles

deixou de receber mensalmente o seu salário. Foi tudo cumprido rigorosamente. Ainda hoje que estamos fazendo aqui neste domingo, ele está voltando do exterior, onde estava uma semana atrás, duas semanas em Brasília, tratando de assuntos da Confederação. Ele hoje não foi o governador do Estado porque não quis, não foi senador pelo Amazonas porque não quis. Então estamos com uma repercussão, no Brasil inteiro, do nosso trabalho, tanto assim que, no governo passado, quando o Ministério da Fazenda dizia até que ia dar uma facada, teve um comportamento com Tadros, que foi um comportamento de entendimento. Começaram a saber o que é que ela faz, no que é que ela atua sem fazer publicidade da sua atuação. De modo que me sinto muito feliz de estar ali. E mais ainda, porque, nesta Confederação, existe um conselho de notáveis que você sabe melhor do que eu, porque você é um dos integrantes e é um brilhante integrante, que nenhuma outra Confederação, em nenhuma outra parte do nosso estado, do Brasil tem igual aquele nível, um negócio altamente...

Arnaldo Niskier: Que se reúnem todas às terças-feiras.

Bernardo Cabral: Todas as terças-feiras, religiosamente. Todos os que são integrantes têm acima de 60 anos. Ali só entra quem for advogado, ou economista, ou historiador, ou professor, ou um grande especialista em educação, porque uma matéria que ronda a Casa é sempre a educação, que prestamos educação a nossos funcionários muito bem. E sabe quem é a maior autoridade nossa na educação? Procure saber quem é o secretário de educação do Estado, quando era da Guanabara, do Rio de Janeiro, foi quatro vezes secretário de educação que você vai encontrar.

Arnaldo Niskier: E, com sua ajuda, construiu a Escola Sesc de Ensino Médio, que é um modelo de escola.

Bernardo Cabral: Hoje, dificilmente, com exceção da revista *Justiça e Cidadania* (que fui um dos quase fundadores, com Alfredo, que hoje tem um filho que também trabalha muito pela grandeza da revista), dou entrevista. Mas em televisão, não é que recuse, digo que não tenho tempo, não quero dar uma declaração que possa ferir a nossa tese lá na Confederação, mas é porque me falta o estímulo de olhar como eu estou olhando para você e me lembrar que há 50 anos brigávamos pelo Brasil, mas brigávamos seriamente. Não havia uma palavra nossa que não fosse pela Constituição. Nunca contribuimos para denegrir a honra de alguém, para falar mal de alguém, era sempre para construir, para colaborar.

Arnaldo Niskier: Você, que dirige o conselho de notáveis, é quem faz os convites para as palestras às terças-feiras e sempre cuidando para que sejam pessoas que amem o nosso país e sejam patriotas. E essa é uma característica que quero louvar muito no nosso programa, elogiando o que Bernardo Cabral tem feito pelo nosso país e a sua presença marcante no dia de hoje aqui em nosso programa.

A premiada Adélia Prado

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



Voz inconfundível na literatura de língua portuguesa, a escritora Adélia Prado somou, este ano, mais dois grandes reconhecimentos em sua carreira. Uma semana após conquistar o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, a mineira, de 88 anos, foi anunciada, também, como a vencedora do Prêmio Camões 2024. Atribuído, desde 1989, a autores lusófonos pelo conjunto da obra, trata-se de um dos maiores valores do mundo entre os prêmios literários, que renderá à Adélia € 100 mil (equivalente a cerca de R\$ 580 mil). A premiação é concedida por meio de subsídio da Fundação Biblioteca Nacional (FBN) – entidade vinculada ao Ministério da Cultura (MinC) e do Governo de Portugal.

Entre os brasileiros que já venceram o prêmio Camões estão João Cabral de Melo Neto (1990), Rachel de Queiroz (1993), Jorge Amado (1994), Antonio Candido (1998), Rubem Fonseca (2003), Lygia Fagundes Telles (2005), Ferreira Gullar (2010), Chico Buarque (2019) e Silviano Santiago (2022). A lista de consagrados pelo Camões inclui ainda o moçambicano Mia Couto, o angolano Pepetela, e os portugueses Agustina Bessa-Luís, José Saramago e Eduardo Lourenço.

Considerada a maior poeta viva do Brasil, Adélia Luzia Prado Freitas nasceu no dia 13 de dezembro de 1935, na cidade de Divinópolis, em Minas Gerais. Sua obra retrata o cotidiano com perplexidade e encanto, norteados pela fé cristã e permeados pelo aspecto lúdico, uma das características de seu estilo. Escreveu seus primeiros versos aos 15 anos, quando sua mãe morreu.

Professora por formação, exerceu o magistério durante 24 anos antes de se consagrar como escritora. O reconhecimento veio aos 40 anos, com o livro de poemas *Bagagem* (1976). Os versos chamaram a atenção do poeta Carlos Drummond de Andrade: “Adélia é lírica, bíblica, existencial, faz poesia

Adélia Prado tinha 41 anos quando publicou *Bagagem*, seu livro de estreia, revelando um equilíbrio raro: frescor e maturidade, provocação e respeito, desdém e humildade.

como faz bom tempo”, escreveu ele, na época, em uma crônica no prestigiado *Jornal do Brasil*.

Entre poesia, prosa e antologias, Adélia já publicou mais de 20 livros. Os versos dessa católica fervorosa misturam religião, desejo e morte, falando sobre as angústias das mulheres da família que gostam de sexo e temem a Deus. Costuma colocar a perspectiva da mulher em seus poemas, destacando sempre o feminino em primeiro plano. É conhecida por retratar o cotidiano sob o olhar feminino e não feminista e libertário.

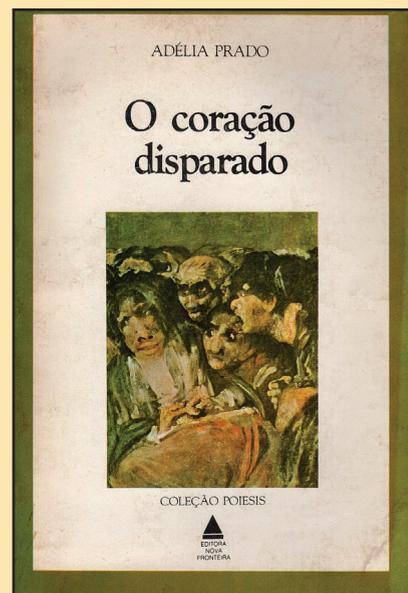
Em 1978, ela escreveu *O Coração Disparado*, com o qual conquistou o Prêmio Jabuti de Literatura, conferido pela Câmara Brasileira do Livro. Sua estreia em prosa se deu no ano seguinte, com *Solte os Cachorros*. Em seguida, publicou *Cacos para um Vitral*. Em 1981, lançou *Terra de Santa Cruz* e, em 1984, *Os Componentes da Banda*. Em 1991, foi publicada sua *Poesia Reunida*.

Em 1987, a consagrada acadêmica Fernanda Montenegro estreou, no Teatro Delfim (Rio de Janeiro), o espetáculo *Dona Doida: um interlúdio*, baseado em textos de livros da autora. A montagem, sob a direção de Naum Alves de Souza, fez enorme sucesso, tendo sido apresentada em diversos estados brasileiros e, também, nos EUA, Itália e Portugal.

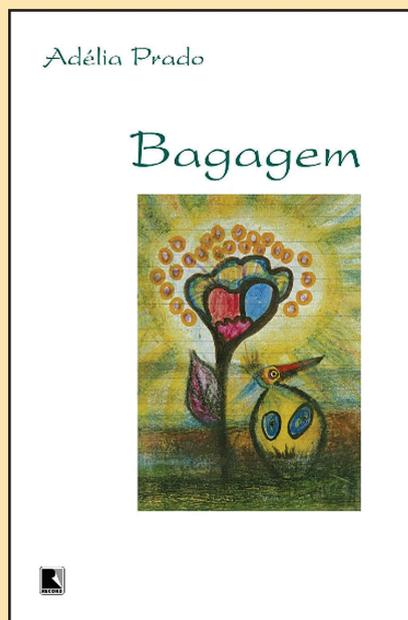
Em 1994, após anos de silêncio poético, ressurgiu com o livro *O Homem da Mão Seca*. Em 1999, foram lançados *Manuscritos de Felipa*, *Oráculos de Maio* e sua *Prosa Reunida*.

Adélia já foi indicada para a Academia Brasileira de Letras. Em 2001, um grupo de intelectuais formou um movimento, lançando o nome dela para a vaga deixada por Jorge Amado. Mas, na ocasião, a viúva do escritor baiano, Zélia Gattai, acabou sendo eleita.

Em 2017, Adélia Prado foi a primeira mulher premiada na categoria Conjunto da Obra, pela contribuição à literatura brasileira, no concurso Literatura do Governo de Minas. Em 2024, tornou-se a terceira escritora brasileira (e primeira escritora mineira) a vencer o prêmio Camões em 35 anos.



O segundo livro de Adélia Prado, *O Coração Disparado*, publicado em 1978, com prefácio escrito por Affonso Romano de Sant'Anna, ganhou o Prêmio Jabuti.



Em 2015, a Editora Record publicou uma edição especial de *Poesias Reunidas*, em capa dura, com 544 páginas.

NOVO LIVRO E ATUAÇÃO NAS REDES

A premiada mineira está há mais de dez anos sem publicar – sua última coletânea de poesia foi *Miserere*, de 2013. A poeta, porém, vai lançar um novo livro de inéditas: *Jardim das Oliveiras* sai com o selo da editora Record.

“Foi um livro difícil de escrever porque as experiências que produziram os poemas também foram difíceis”, contou Adélia, em um depoimento nas redes sociais. “Mas tem alegria, também. Se for poesia verdadeira, não tem um que não tem alegria, pelo menos uma sombra de alegria, uma pisada na areia, uma pegada. A arte é assim, o pintor pinta um assassinato e você quer colocar na parede.”

A autora também tem emocionado os seus admiradores com leituras de seus poemas em seu perfil do Instagram. Postado no fim do ano passado, seu primeiro vídeo teve mais de 30 mil interações. Adélia disse ter ficado “assustada e emocionada” com a repercussão.

HOMENAGEM NA ABL



Ana Prado, filha da poeta Adélia Prado, recebeu o prêmio Machado de Assis em nome da mãe, na ABL.

No evento comemorativo do 127º aniversário da ABL, a autora foi homenageada com a entrega do Prêmio Machado de Assis. O ator Tony Ramos foi convidado para ler alguns de seus poemas. Adélia Prado é a 11ª mulher a receber a premiação, que atualmente tem o valor de R\$ 100 mil. A poetisa não pode receber pessoalmente o prêmio, mas enviou um presente para a ABL: um lindo poema, lido por sua filha, Ana Prado, na cerimônia:

“Queridos amigos, família, acadêmicos, todos que amam a poesia.

Pensando em como expressar minha gratidão pela honraria que a Academia Brasileira de Letras me concede, o Prêmio Machado de Assis, lembrei-me das palavras inspiradas do poeta polonês Czeslaw Milosz:

Em sua essência, a poesia é algo horrível: nasce de nós uma coisa que não sabíamos que está dentro de nós, e piscamos os olhos como se atrás de nós tivesse saltado um tigre, e tivesse parado na luz, batendo a cauda sobre os quadris.

Essa terrível imagem nos suspende e nos obriga, de modo gozoso e novo, a uma rendição ao maravilhoso fenômeno da poesia. Ela não é enredo, não é tema, não é comentário, não tem gênero, fraterna, solidária. Qualquer coisa é a casa da poesia. Ela alimenta. Mora onde lhe apraz.

É uma experiência religiosa – o impacto da leitura de um texto sagrado, um olhar amoroso sobre você, ou olhar formigas trabalhando. O transe poético é o experimento de uma realidade anterior a você. Ela te observa e te ama. Isso é o sagrado. É Deus. É Seu próprio olhar pondo nas coisas uma claridade inefável. A única via para a realidade chama tudo e todos a um centro humano divino. É comunhão.

Nesta noite, estamos em comunhão, congregados pela poesia. Assim, quero encerrar minha fala oferecendo a vocês o que tenho de melhor: um poema.”

MISERERE

Eu desenhava no papel de seda uma flor de cinco pétalas quando me ocorreu a vingança contra os donos do mundo.

Tentando versos com que vos narrar minha trama, adormeci sentada, o queixo desabado no peito.

Coitada, diríeis, é aquela que vimos esbravejar no seminário?

Cisme que adoecia e procurei o médico.

Ele não foi perspicaz.

Auscultou, profissional, minhas cavidades e prescreveu ginástica, redução de calorias, vida calma.

Doía tudo. Aqui dói, doutor, aqui também.

É certo que o senhor nunca deglutiu pedras, mas, afianço-lhe, mesmo a água que bebo é indigesta coisa sólida no meu bucho.

Ele precaveu-se, intimidado pela minha fluência, pelo manuseio intemorato que dispenso às palavras.

Dependendo da atividade intelectual, da sensibilidade de cada um, tais sintomas ocorrem, minha senhora.

E mostrou as garras, defensivo, mais uns grãos de enfado.

Eu não estava doente. E estava muito.

O medo de morrer, habitualmente grande, trinta vezes aumentado.

Comecei a rezar no registro dos naufragos:

Perdoa-me, Senhor. Lembra-Te de que és meu Pai.

Como gostaria de nascer de novo e começar tudo generosamente.

Olha pelos filhos que deixarei, por meu marido que talvez não se case mais.

Onde achará, neste lugar pequeno, outra mulher que lhe ofereça tantos motivos pra mortificar-se?

Passeava na casa, amargando a saudade prévia dos seus cantos.

Doía tudo, até que, até que nada, não dói mais.

Recolhi-me ao corriqueiro estatuto de comer, dormir, lavar-me, recuperado o saudável desejo de que se fodam bem determinadas pessoas em suas empresas.

Continuo passando a língua no molar obturado, desgostosa, porque se não sou eu a cuidar da cozinha, uma lata de óleo é a conta de dois dias.

Confesso-vos: quando comecei a escrever, o que eu queria era fazer um teatro.

Fostes salvos do sacrifício de uma opinião por este grito que me interrompeu: acode aqui, dona Willia, o seu cachorro deu convulsão!

Judith entrou de noite no acampamento inimigo e decapitou Holofernes.

Pergunto-vos, sem que nos ouçam os fracos e os ímpios: poderia eu também?

Não durmo porque nada se exaure, requerendo atenção, matança, oferta de comida, futuros de paz, empregos; e eu tenho um corpo talhado para prazeres só e guerra. Posso? Comer? Dormir? Gostar de homens?

Louvar-Vos — em perfeita alegria — neste tempo cinzento e pegajoso?

Não é possível conseguir a atenção de uma cidade inteira — há misteres inadiáveis nos banheiros, nas casas com menino pequeno — nem silêncio. Há os aparelhos eletrônicos e as línguas compridas.

Mas duzentas pessoas numa sala, com olhos fixos na cena, verão que a vida é doida, doida, que o ser humano até hoje está sem calças, que Deus é bom e duro.

Que Jesus Cristo quando ri alucina as pessoas e atrai a todos quando diz: AMAI-VOS. Eu estou apaixonada. Ó meu Deus, me ajuda a escrever um drama.

Muito obrigada.”

ADÉLIA PRADO

Sensibilidade, ternura e amor

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

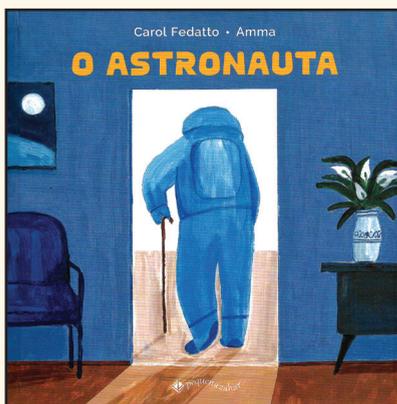
Temas sensíveis, alguns perturbadores, ampliam o pensamento com emoções e sentimentos. Perdas, transformações, dificuldades, compreensão com o diferente devem ser tratados com amor. Lidar com temas sensíveis com as crianças exige exercício de adequação, sensibilidade e ternura.

É uma dor emocional, sentimental, que muitas vezes a criança não é capaz de compreender ou superar sem apoio. A literatura oferece um compartilhamento, a ideia de que ela não está sozinha, de que outros também passam pelo sentimento de tristeza ou pela mesma emoção.

As obras selecionadas foram editadas com competência e carinho, com qualidade de texto e de edição. A beleza de uma obra pode despertar sentimentos de emoção e de enlevo, como quando ouvimos uma linda melodia.

Deixo para análise de vocês a seleção realizada e tenho a certeza de que também irão se emocionar.

O Astronauta (Pequena Zahar) – Texto de Carol Fedatto e ilustrações de Amma – *Um dia ele ficou fora de órbita...* O início já indica as transformações que estão ocorrendo com o pai do narrador, que aos poucos vai perdendo o contato com a realidade. As ilustrações compõem a narrativa e as lembranças do passado acabam por ocupar o lugar do real. Texto e ilustrações são inseparáveis! Linda edição com capa dura!



O Anjo da Guarda do Vovô (Companhia das Letrinhas) – Jutta Bauer escreveu e ilustrou, tradução de Sofia Mariutti – Duas histórias paralelas, a que o avô, já velhinho, conta ao neto, e a que é exclusiva dos leitores, que acompanham a vida cheia de dificuldades que ele enfrentou e a ajuda que sempre teve de um anjo da guarda muito especial e que, sugere a história, vai agora tomar conta de outro pequeno. *Uma história que nos mostra que há sempre algo de misterioso e encan-*

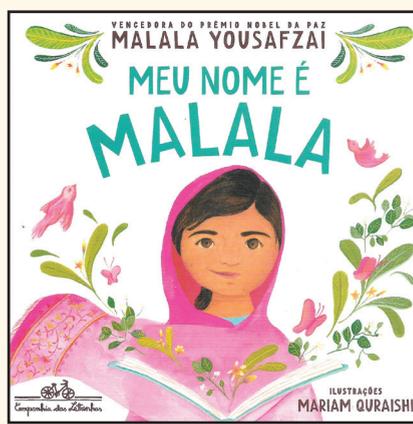
tado por trás de nossa vida cotidiana (Odilon Moraes). Mais um livro especial, lindamente editado, com capa dura.

O Jardim da minha Baba (Pequena Zahar) – Jordan Scott escreveu e o recém-premiado com o prêmio Hans Christian Andersen, Sydney Smith, ilustrou – O autor conta com delicadeza a sua relação com a avó polonesa (Baba), que emigrou para o Canadá na época



da Segunda Guerra Mundial. Sem dominar a língua inglesa, Baba se comunica com o neto com gestos, toques e risadas. Diariamente o pai deixa o menino aos cuidados da avó. As minhocas são um personagem coadjuvante e sua importância é assimilada com carinho pelo neto, que, agora mais velho, cuida da avó que veio morar em sua casa. Outra história repleta de delicadeza.

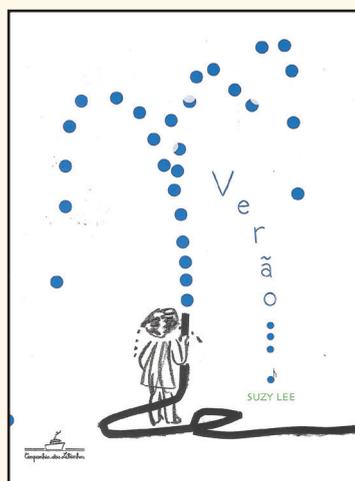
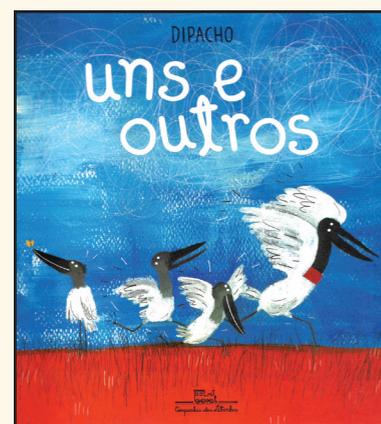
Um Gigante Tão Pequeno (abacatte) – Márcio Vassallo escreveu e Simone Matias ilustrou – Aqueles que conhecem ou, como eu, já conviveram com crianças ou adultos como o personagem desta história, certamente vão se emocionar. Com sensibilidade, ternura e muito amor, Márcio Vassallo conta a história do Anselmo narrada pela irmã pequena e os acontecimentos ao longo da vida dos dois. O colorido das ilustrações enriquecem e suavizam o texto repleto de emoção. Lindo!



Meu Nome É Malala (Companhia das Letrinhas) – A história da menina que comoveu o mundo, com ilustrações da Mariam Quraish e tradução de Lígia Azevedo – Malala Yousafzai vivia no Paquistão quando o grupo Talibã assumiu o poder e impôs proibições radicais. Dentre elas, a que as meninas não mais podiam estudar. Malala, que questionava a ordem, sofreu um violento ataque e foi levada para um hospital na Inglaterra. Hoje ela continua a sua luta

pelo direito das meninas frequentarem a escola. Em 2014, ela recebeu o prêmio Nobel da Paz, aos dezessete anos. Cartonada, esta edição especial é dedicada aos pequenos que começam a ler!

Uns e Outros (Companhia das Letrinhas) – O colombiano Dipacho escreveu e ilustrou e a tradução é de Nina Rizzi – Repito o texto da quarta capa: *Uns estão perto; outros, longe. Alguns se vão, mas fazem ninhos em nós. Um livro sobre diferentes jeitos de se relacionar e de voar pela vida.* A metáfora usada pelo autor aproxima a vida de pássaros com a realidade humana, estabelecendo relacionamentos, escolhas, partidas e chegadas. Sem regras, sem determinismos, sem imposições, apenas, somos! Bela edição em capa dura.



Verão (Companhia das Letrinhas) – Suzy Lee, tradução de Ara Cultural – Um lindo livro de Arte! Fechamento primoroso desta nossa página carregada de sentimentos. Coloquem *As quatro estações*, de Vivaldi (tem o QR CODE ao final do livro), na parte do *Verão* e deliciem-se acompanhando as ilustrações vibrantes com cada parte da excepcional criação do músico de Veneza. Sintam o verão em cada página deste livro impactante, em capa dura, belíssimo.

BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



JAMES ARTHUR BALDWIN

(Nova York, 02/08/1924 – Saint-Paul-de-Vence, 01/12/1987) Romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Aos

10 anos de idade, ele foi abusado por policiais de Nova York, caso de assédio racista que ele iria experimentar mais tarde quando adolescente e viria a documentar em seus textos. O aniversário de 19 anos de Baldwin foi o funeral de seu pai, e o dia do motim do Harlem de 1943, retratado no início de seu texto *Notes of a Native Son*. A busca para responder ou explicar a rejeição familiar e social tornou-se um motivo condutor nos seus escritos. Como escritor, foi aclamado em vários meios, incluindo ensaios, romances, peças de teatro e poemas. Seu primeiro romance, *Go Tell It on the Mountain*, foi publicado em 1953. Sua primeira coleção de ensaios, *Notes of a Native Son*, foi publicada em 1955. Décadas depois da publicação de *Go Tell It on the Mountain* (1953), a revista *Time* incluiu o romance em sua lista dos 100 melhores romances de língua inglesa. Um manuscrito inacabado, *Remember This House*, foi adaptado para o cinema como o documentário *I Am Not Your Negro* (2016), que foi indicado para Melhor Documentário no Oscar de 2017. *If Beale Street Could Talk* foi adaptado para o filme homônimo que venceu o Oscar em 2018. Baldwin também era uma figura pública e orador conhecido e controverso, especialmente durante o movimento dos direitos civis nos Estados Unidos. Baldwin morreu de cancro do estômago.

acervo JL



ROSEANA MURRAY

(Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1950) Poetisa e escritora de obras infantojuvenis brasileira. É filha dos imigrantes poloneses Lejbus Kligerman e Bertha Gutman Kligerman. Ela formou-se

em Literatura Francesa pela Aliança Francesa, Universidade de Nancy. Começou a escrever poesia para crianças em 1980, com o livro *Fardo de Carinho*. Tem mais de cem livros publicados. Recebeu por quatro vezes o Prêmio de Melhor Poesia pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, o Troféu APCA, o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor livro infantil. Foi indicada para tornar-se membro da Academia Fluminense de Letras; também faz parte da Lista de Honra do Conselho Internacional sobre Literatura para Jovens (o *International Board on Books for Young People – I. B. B. Y.*). Foi casada com José Edwin Murray Filho, tendo dois filhos, o chef de cozinha André Murray, e o músico e violinista Gustavo (Guga) Murray. Desde 1997, é casada com o jornalista e escritor espanhol Juan Arias Martínez. Ela tem dois netos. Em 2017, Gustavo Stephan lança seu primeiro CD infantil: “Catavento.” Os poemas de Roseana “Fardo de Carinho” e “Tempestade” foram transformados em música. Também participou da Flor, feira literária de Oeiras, em 2018. Em 5 de abril de 2024, Roseana perdeu o braço direito e a orelha do mesmo lado do corpo, após ser atacada por três cães da raça pitbull. Recebeu alta justamente no Dia Nacional do Livro Infantil.

acervo JL



MARYSE CONDÉ

(Pointe-à-Pitre, 11/02/1934 – Apt, 02/04/2024) Reconhecida escritora guadalupense, francófona, feminista e ativista da cultura africana no Caribe. Foi especialmente conhecida por seu romance

Segu (1984 – 1985) e por *Eu Tituba: Bruxa negra de Salém* (1986). Estudou *Sorbonne Nouvelle* em Paris, onde obteve um doutorado em Literatura Comparada. Em 1959, casou-se com Mamadou Condé, ator guineano. Foi professora na Guiné, em Gana e no Senegal. Em 1981, divorciou-se. Voltou a casar-se com o inglês Richard Philcox, tradutor da maioria de seus romances para a língua inglesa. Em 2004, aposentou-se como Professora Emérita de Francês. Lecionou na Universidade de Califórnia, Berkeley, UCLA, a Sorbonne, a Universidade de Virgínia e a Universidade de Nanterre. Em *Segu* (1984–1985), sobre o Império de Bambara em Mali do século XIX, a memória e o entrecruze destes povos, de seus deuses ancestrais. No romance, *Dusika Taoré*, a escravidão, a conversão a uma nova religião e o colonialismo. Julgamentos de Salém permeiam *Eu, Tituba: Bruxa negra de Salém* (1986) e a construção, no século XX, do Canal do Panamá e sua influência na crescente classe média centro-americana em *Árvore da Vida* (1992). Suas obras posteriores tomaram um giro autobiográfico, como *Memórias de Minha Infância e Vitória*, uma biografia de sua avó. Quem cortou a garganta de Celanire tem também rastros de sua bisavó paterna. Condé morreu no dia 2 de abril de 2024, aos 90 anos.

Bonecas

Por Raquel Naveira*

Fui uma menina apaixonada por bonecas. Havia as de pano, com vestidos de chita; as de rosto de louça; a de plástico, com cachos loiros, quase do meu tamanho, um sonho. Eu cuidava bem delas, penteava, colocava nos berços e carrinhos, pois eram os filhos que já desejava ter. Também eram minhas alunas. Eu as colocava em fileiras, fazia chamada no diário de classe, escrevia com giz palavras num quadro-negro e imaginava que elas eram capazes de soletrar. Avaliava sua atenção estática como prova de percepção e inteligência.

Quando li o *Sítio do Picapau Amarelo*, identifiquei-me com a Emília, a boneca de trapo, a princípio feia e muda que, a partir do momento que ingeriu uma pílula, passou a falar pelos cotovelos. Criatura atuante e impositiva que dominou o próprio criador, Monteiro Lobato. Acompanhei toda a evolução da boneca: as mutações, as tolices, as curiosidades, o espírito de crítica. Não sei em que livro da coleção, quando lhe perguntam: “Mas quem você é, afinal de contas, Emília?” Ela respondeu de queixinho empinado: “Sou a Independência ou Morte.” A independência, a liberdade, a autonomia, o bem-estar, o poder de tomar as próprias decisões. Eu me achava a própria. Quanto desassombro e orgulho. Hoje, adulta e envelhecida, tornei-me pequena e dependente de algo superior que me guia. O fato é que me diverti tanto com a Emília: o casamento dela com o porco Marquês de Rabicó; as aventuras com a chave do tamanho que fazia os insetos tomarem proporções gigantescas; as aventuras com o rinoceronte Quindim; as conversas com o anjo caído do céu; as peripécias pelas terras da Grécia Antiga com figuras míticas como Hércules e o Minotauro. Cavalguei nas caudas dos cometas com minha boneca Emília.

As bonecas também podem ser assustadoras, sinistras, ameaçadoras. Na feitiçaria, são usadas para representar pessoas trespassadas com alfinetes para causar dores e danos. Assumem a voz dos ventríloquos e os enlouquecem com sentimentos que não ousariam expressar abertamente.

Ao sul da Cidade do México, onde a morte é sempre vista numa mistura de flores e crânios, há um lugar misterioso chamado Ilha das Bonecas. No meio dos canais e dos nenúfares, uma espécie de santuário mal-assombrado tem

bonecas penduradas em paredes, árvores e varais que vão se desgastando com o tempo, perdendo a beleza e a inocência e se transformando em objetos terríveis, lambuzados de sangue e poeira. Conta-se que um antigo morador da ilha ouviu falar que uma jovem havia se afogado no rio. Quando viu uma boneca flutuando, tomou isso como sinal, resgatou o brinquedo para agradar o espírito da menina. Uma boneca só não foi suficiente oferta e milhares se juntaram a ela, num cenário de filme de terror. Há choros e gritos de quem perdeu as filhas naquelas águas.

E quantas meninas, corpos de bonecas, agarradas ainda a suas bonecas, são vítimas de violência sexual, agredidas dentro de suas casas por pessoas manipuladoras, predadoras, que escolhem a vítima mais tímida, mais quieta e atacam o alvo fácil, a pombinha cálida, com suas garras de abutres abusadores.

A *Casa de Bonecas*, peça teatral do dramaturgo norueguês, Henrik Ibsen, em meados do século XIX, gerou polêmica e debates no mundo todo. O difícil tema da exclusão das mulheres. O relacionamento entre Nora e o marido Helmer parecia perfeito. Ele a chamava de “cotovia”, “esquilo”, “minha menininha”. Ela era mimada, infantil, uma criança grande, sem responsabilidade. Um dia, no intuito de agradar e ajudar financeiramente o marido, Nora envolve-se numa fraude bancária. O banqueiro a chantageia. O marido, ao descobrir, fica furioso e a julga uma pessoa sem caráter. Depois, arrependido, pede-lhe perdão. Mas a ilusão se rompe: a filha-boneca, a esposa-boneca torna-se uma mulher decepcionada. Abandona o marido e os filhos e vai embora sozinha para compreender a si e ao mundo. Declara que só voltará se acontecer um milagre: a transformação profunda de suas almas para uma verdadeira vida em comum. Partiu em busca da maturidade. Boneca fria.

E há homens tão solitários que se contentam com a companhia de uma boneca daquelas feitas sob encomenda para o sexo. É a história contada no intrigante filme *A Garota Ideal*, sob a direção de Craig Gillespie. Lars mora na garagem da casa de seu irmão. Não gosta de sair. Um dia avisa que trará Bianca, sua namorada, para o jantar. Explica que ela não fala inglês, que não anda, que precisa de uma cadeira de rodas. O irmão e a cunhada ficam felizes com a notícia e arrumam o quarto de hóspedes. Lars aparece com a namorada e descobrem que ela é uma boneca. Tudo estranho, bizarro, mas muito delicado. Delicado entender como é difícil, às vezes torturante, a sede de amar e ser amado.

Guardo minhas bonecas em prateleiras iluminadas, em baús chaveados no meu coração. Fui mãe, professora, poeta observada pelo jogo dos olhos azuis de vidro das minhas bonecas.

*Raquel Naveira é da Academia Matogrossense de Letras.



Por Zé Roberto

arte Desenharte

zerobertograuna@gmail.com

5 PERGUNTAS PARA JUNIOR KADESHI

Nascido em Embu das Artes, município da Região Metropolitana de São Paulo, no dia 27 de julho de 1978, o publicitário Junior Kadeshi está à frente do Salão Internacional de Humor de Piracicaba há 3 anos, mas o produtor cultural faz parte da equipe responsável pelo evento desde 2010, quando tornou-se funcionário do município, após passar em concurso público.

Junior Kadeshi ganhou a simpatia dos cartunistas brasileiros, principalmente por sua visão inclusiva e atenção com a preservação da memória do Salão e, ao mesmo tempo, buscando inovações e espaços para as novas linguagens e tecnologias.

Para conhecer um pouco mais sobre o pensamento renovador de Kadeshi, enviamos 5 perguntas ao produtor. Acompanhem:

Desenharte: Você se lembra da primeira vez que esteve no Salão Internacional de Humor de Piracicaba? Lembra se esteve no Salão antes de se imaginar atuando diretamente no principal evento do gênero do mundo?

Junior Kadeshi: Sim, estive pela primeira vez no Salão por volta de 2003. Minha esposa, que é piracicabana, na época minha namorada, sabendo que eu gostava de arte e humor, me falou do evento na primeira vez que visitei a cidade (sou da capital de São Paulo), e me trouxe para conhecer as exposições. Lembro que vários armazéns do Engenho abrigavam diversas mostras, e achei aquilo incrível. Uma coisa que marcou na minha mente foi uma enorme escultura de Dom Quixote, feita em espuma, obra do Paulo Caruso. Era gigante, e ficava em um dos grandes armazéns do Engenho Central. É incrível imaginar que, 7 anos depois, eu trabalharia naquele evento que tanto me chamou a atenção e que eu chegaria a ser seu diretor!

Desenharte: Graças à sua visão inclusiva, para o evento que está em cartaz, você desenvolveu a edição mais interessante da História do Salão, colocando as mulheres em destaque, primeiro, possibilitando que 3 cartunistas criassem os cartazes de 3 eventos organizados pelo Salão (sobre esse tema, o leitor pode visitar a edição nº 301 desta coluna, de julho passado), depois, formando um júri de seleção apenas com mulheres – coisa que nunca havia acontecido anteriormente. Em algum momento você temeu pelas críticas e habituais comportamentos machistas, muito comuns entre os cartunistas?

J Kadeshi: Aumentar o papel da mulher no Salão sempre foi, para mim, uma missão. Em 2010, quando entrei no evento, junto ao antigo diretor, Edu Grosso, percebi que poucas mulheres participavam e juntos criamos a mostra Batom, Lápis e TPM. Na época, fui “caçando” mulheres do humor nos blogs e Orkut. Percebi que, com isso, muitas artistas tomaram coragem e avançaram, não só em Piracicaba, mas em outros eventos do gênero. Ao assumir como diretor, sempre busquei equilibrar os júris entre mulheres e homens participantes. No final de 2023, no HQ Mix, encontrei a grande amiga Sonia Luyten, que me puxou de canto e falou: você já pensou na ideia de fazer um Salão de Humor só com mulheres? Aquilo ficou na minha cabeça, martelando. Após isso, ao empossarmos o Kevin Freitas como presidente da edição, ele veio com a mesma ideia. Vi que o Universo estava conspirando e resolvi dizer sim! Convidamos as 3 mulheres para fazerem os cartazes principais do evento (Batom, Salão e Salãozinho) e montamos o júri de seleção 100% feminino. Com certeza, pensei: “o que as pessoas vão pensar disso?”, mas esse pensamento foi justamente o que me fez seguir adiante. O Salão de Humor foi criado em plena ditadura, passou por uma pandemia, quebrou tabus nesses 50 anos, então esse vai ser mais um tabu que vai cair. E foi um sucesso! Críticas vieram de homens

e mulheres (!), mas nos mantivemos firmes. E, além do júri, escolhemos “Mulher” como tema da edição, e estamos homenageando as mulheres em toda a exposição. As paralelas, junto à mostra principal, são todas feitas por elas, além de uma homenagem às pioneiras e às cartunistas que existem e resistem hoje.

Desenharte: Complementando a pergunta anterior, a caricaturista Cláudia Kfoury deixa a seguinte indagação: após anos acompanhando seleções e premiações realizadas por grupos de jurados majoritariamente masculinos, como você avalia os critérios e percepções do primeiro grupo de juradas exclusivamente feminino, idealizado por você nesse 51° Salão?

J Kadeshi: Confesso que, como se tratava de algo novo, nunca realizado aqui, fiquei apreensivo de como seria a experiência. Porém, posso dizer que foi incrível, e terminamos antes do planejado. As mulheres foram dinâmicas, críticas, engraçadas, bem-humoradas e engajadas no que se refere ao feminino. Várias facetas do humano foram se abrindo à nossa frente, enquanto os trabalhos eram projetados. Detalhes que passam despercebidos em nosso cotidiano foram “dissecados”, abrindo os nossos olhos para pautas não somente femininas, mas humanitárias. Isso tudo sem deixar de ser engraçado. Porque a gente quer um salão que traga consciência a quem vê, mas também gere muitas gargalhadas. E é isso o que essas 7 mulheres trouxeram ao 51° Salão. Aproveitando, a Cláudia Kfoury é um grande presente que o Salão me proporcionou. Um dia conto como foi que a conheci, aqui no Salão. Acho até que, por isso, algo foi gerado em meu coração em relação às mulheres no Salão.

Desenharte: O Salão de Humor de Piracicaba é, com certeza, o maior e mais longo evento do gênero no mundo. Depois de 3 anos à frente do salão, você percebe que ele pode crescer ainda mais? Na sua visão, há algo a fazer para que o salão evolua e torne-se ainda mais inclusivo?

J Kadeshi: Quando eu paro para pensar que estou, junto à minha incrível equipe, à frente de um evento deste tamanho, proporção e responsabilidade internacional, meus olhos se enchem de lágrimas. Sim, o salão me faz chorar. Chorar de emoção por ele me proporcionar fazer parte da história do mundo e, de alguma forma, deixar um legado, e ter meu nome *linkado* à essa entidade, esse ser grandioso – pois sempre digo que o Salão tem vida própria.

Aos poucos vamos transformando o Salão com o que temos em mãos. Por ser um evento ligado à Prefeitura Municipal de Piracicaba, o Salão é uma lei, e tem uma verba destinada, o que nos garante a realização dele anualmente. Porém, para pensarmos em algo maior, precisamos do apoio da iniciativa privada, que são as empresas que patrocinam o evento. E corremos atrás disso todo ano! Empresas que entendem a grandeza do evento são nossos parceiros há anos, e captamos novos apoiadores anualmente para que, de fato, possamos fazer algo diferente, novo e inclusivo. E o que seria esse inclusivo? Deixar o Salão acessível aos deficientes visuais, cadeirantes, surdos e outros tipos de necessidades especiais. Quando montamos a exposição, pensamos nos espaços entre os painéis para a passagem de cadeirantes, na altura dos desenhos. Orientamos nossos monitores a darem atenção e cuidado, acompanhando as pessoas que apresentem dificuldades diversas.

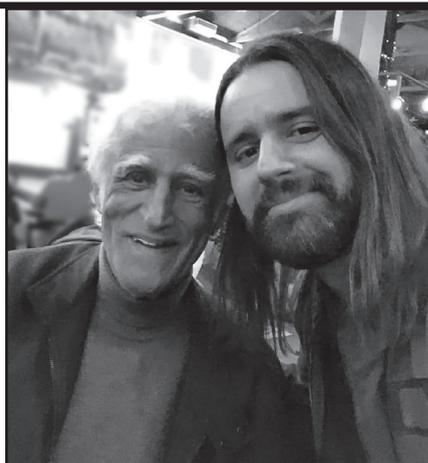
Outra coisa que está em nosso radar é fazer uma mostra mais imersiva, com movimento, mais digital e interativa, pensando nas novas gerações. E, para isso, precisamos de mais recursos!

Desenharte: Quais seus planos particulares para o futuro? Pretende expandir suas atividades culturais além Piracicaba?

J Kadeshi: Eu quero continuar no Salão, de qualquer forma. Não me vejo longe desse lugar, desse universo, longe desses artistas que se tornaram meus amigos. Eu digo que o Salão me escolheu. Minha esposa me trouxe a Piracicaba, e esta cidade me levou ao Salão, desde o primeiro dia que me mudei para cá, justamente para assumir a programação cultural dele. Nunca antes me imaginei nele, e nunca mais quero estar fora. Porém, tenho outros planos que vão além do Salão, mas dentro do mesmo universo. Só que vou fazer a linha ex-BBB: estou estudando propostas! (Encerra com humor, literalmente).

Saúde e Arte!

Kadeshi junto à caricatura de autoria de Luiz Paffaro.



Junior Kadeshi e Ziraldo.



A premiada médica Margareth Dalcolmo recebe a mais alta honraria da França

Por Manoela Ferrari

A pneumologista e pesquisadora brasileira Margareth Dalcolmo recebeu o grau de Cavaleiro da Ordem Nacional da Legião de Honra, concedido pelo governo de Emmanuel Macron. Segundo o governo francês, este é um “reconhecimento por sua longa experiência na condução e participação em protocolos de pesquisa para o tratamento de tuberculose e doenças respiratórias, particularmente na África Subsaariana, o que ajudou a avançar a medicina nessas áreas”.



Chrysoula Zacharopoulou, representando o governo francês, entrega à médica Margareth Dalcolmo a *Légion D'Honneur*, mais alta honraria do governo da França.

Além de sua atuação no combate às doenças na África, a conscientização promovida pela pesquisadora durante a pandemia de Covid-19 foi destacada.

Em 2023, a capixaba também foi reconhecida com o Prêmio Hospitalar 2023 – Personalidade do Ano, em homenagem à sua significativa contribuição para o avanço da medicina, do atendimento médico-hospitalar e da qualidade de vida da população.

Além de médica pneumologista e pesquisadora sênior da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Margareth Dalcolmo é presidente da Sociedade Brasileira de Pneumologia e Tisiologia (SBPT), professora da PUC-Rio, consultora da Organização Mundial da Saúde (OMS), estudiosa de doenças pulmonares, e uma das pioneiras na luta contra o tabagismo no Brasil. Ela é considerada uma das principais especialistas na área da saúde e referência no combate à Covid-19.

A médica também é autora de um livro premiado. Em 2022, recebeu o Prêmio Jabuti na categoria Ciências pelo seu trabalho intitulado *Um Tempo para Não Esquecer – A visão da ciência no enfrentamento da pandemia do coronavírus e o futuro da saúde*.

Seu trabalho científico também foi reconhecido internacionalmente, com mais de 120 artigos publicados no Brasil e no exterior. Além disso, faz parte do Grupo de Peritos da OMS para aprovação de medicamentos essenciais e é membro do Comitê Consultivo Regional do Banco Mundial para projetos de saúde relacionados à tuberculose e doenças respiratórias ocupacionais. Nona mulher a se tornar membro da Academia Nacional de Medicina, a consagrada médica é uma poderosa voz na defesa da ciência.



Margareth Dalcolmo recebe os cumprimentos do acadêmico Gilberto Gil.



As irmãs capixabas Margareth, Beth e Rosângela Dalcolmo.

Os longos silêncios do amor

Por Oscar Gama Filho*

O amor falastrão murcha,
E se converte em longos silêncios
prenhes de telepatia e de leitura corporal.

O último silêncio é inútil e fatal,
E aduba tantas palavras não ditas ante o fútil.
O luto é uma túnica com o texto inconsútil.

Sem alguém para amar à vera,
Nenhum lugar do mundo presta.
Por isso guarde na lembrança o que do amor resta
e sempre que se lembrar, o amor vira floresta
e campos, e cidades, e animais, e qualquer lugar por demais resta.

Sua ausência transforma o que há de bom nos longos silêncios
em um vazio sem sentido.
Sua volta preenche de alegria o entorno colorido
do que vale a pena ser vivido.

O amor inspira,
Mas é quando ele expira
que avaliamos o valor do seu sopro,
Se o seu hálito é balsâmico ou o bafo ardente de um ogro.

E no intervalo entre expirar e inspirar,
Ele respira nas entrelinhas
e se eterniza, ou se apaga sua velinha.

Cada história de amor é pessoal.
Feita mais de trivialidades e da rotina informal.
Mas episódios épicos a recortam em um outro mundo
feito de poesia, de sonhos e de almas e do veludo
do barulho do mar, sempre novo, mágico e surdo
pela repetição contínua de seu poderoso ruído.

A presença da pessoa amada
inverte os silêncios por onde o amor trafega
e os torna pausa entre as notas harmônicas
da elétrica sinfonia do amor eterno
a que sua presença lépida me entrego.

Da mesma forma que entre duas notas
existe uma nota que é o silêncio,
Entre o inspirar e o expirar o ar,
Na ausência de movimento nos pulmões,
Assim também na falta de fôlego residem
os longos silêncios do amor,
Transsubstanciados no alicerce que dá sentido
às palavras e à comunhão dos corpos.

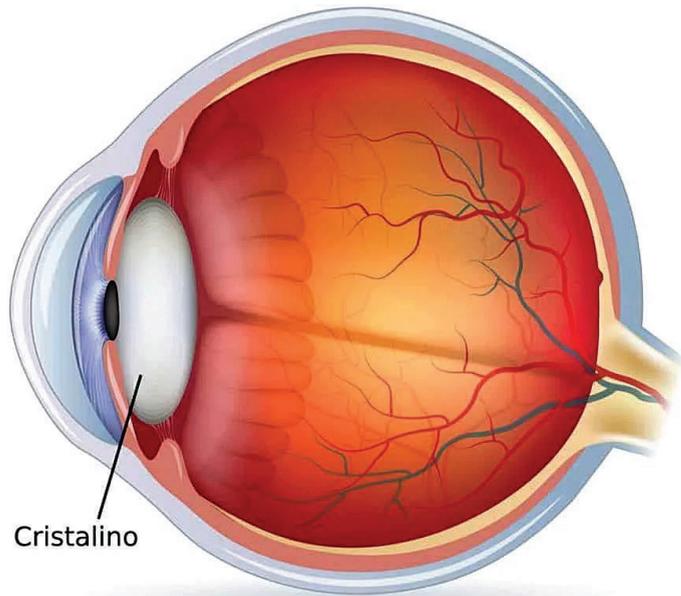
Pois só nos longos silêncios ouvimos
a abissal e profunda
respiração do mundo:
Seu êxtase amando em tudo.

*Oscar Gama Filho é escritor, dramaturgo e compositor; membro da Academia Espírito-santense de Letras desde 1988.

A História da Cirurgia de Catarata (ABL)

Por Almir Chiaroni*

O cristalino é uma lente transparente e flexível, que se localiza atrás da pupila e que tem a função de regular o foco dos objetos.



Catarata é o nome que se dá à opacificação do cristalino, que reduz a entrada de luz nos olhos e causa diminuição da acuidade visual. O termo vem do grego Katarakte, que significa “coisa que cai”, porque, na Antiguidade, pensava-se que a piora da visão que ocorre quando o cristalino se opacifica era causada por uma espécie de véu que cobria lentamente a visão, imitando o curso de uma catarata.

O registro mais antigo que se conhece sobre a catarata encontra-se em uma escultura existente no Museu do Cairo, data da do século XXVI a.C., que mostra uma opacificação monocular do cristalino.

Na maioria dos casos, a catarata progride gradualmente, por vários anos. A progressão pode variar de um olho para outro na mesma pessoa. Em pessoas mais jovens e nos pacientes diabéticos, a evolução pode ser mais rápida, levando a uma diminuição importante da visão em poucos meses.

A catarata, que pode ser congênita, tem múltiplas causas:

- Medicamentos (corticoides)
- Substâncias tóxicas (nicotina)
- Doenças metabólicas (diabetes)
- Trauma
- Radiações
- Cirurgia intraocular prévia

O tratamento é cirúrgico e consiste em substituir o cristalino opacificado por uma lente intraocular transparente (cristalino artificial).

O primeiro método cirúrgico começou a ser realizado por volta de 600 a. C. e está descrito pelo médico indiano Sushruta em seu tratado sobre cirurgia, onde detalha a técnica de *reclinação*.

Nessa técnica, o cristalino é deslocado para a câmara posterior do olho com um estilete, da maneira a deixar a área pupilar livre.

A primeira extração da catarata foi feita pelo médico francês Jacques Daviel, em 1745.

Na verdade, o plano inicial era fazer uma reclinação, mas, como o paciente teve uma intensa hemorragia per-operatória, Daviel optou por fazer uma incisão e retirar o cristalino opacificado.

A partir daí, a retirada do cristalino passou a ser a técni-



ca utilizada, mas ainda não eram implantadas lentes intraoculares.

A história moderna dos implantes intraoculares começou em 1949, com Harold Ridley, oftalmologista inglês, que se inspirou em um comentário feito por um estudante de medicina que lhe chamou a atenção por haver “esquecido” de substituir o cristalino opacificado por um “novo”, enquanto o observava suturar a incisão durante uma cirurgia de catarata.

A escultura de Ka'aper data de 2500 a.C. e se encontra em um excelente estado de conservação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Ridley teve a oportunidade de observar que alguns pilotos dos caças ingleses (*spitfires*) que eram bombardeados apresentavam fragmentos do material plástico das cabines dos aviões dentro dos olhos, e que esse material (polimetilmetacrilato) não despertava nenhum tipo de reação por parte dos tecidos oculares.

Ocorreu a Ridley que o polimetilmetacrilato poderia ser utilizado para substituir o cristalino humano.

Em 29 de novembro de 1949, em Londres, ele implantou sua primeira lente intraocular.

Quando os primeiros resultados dessa técnica foram divulgados, em 1951, houve uma explosão de entusiasmo que levou grandes nomes da oftalmologia europeia a seguir o exemplo de Ridley.

Nas décadas seguintes, testemunhamos uma evolução vertiginosa no que se refere aos modelos e à qualidade visual das lentes intraoculares.

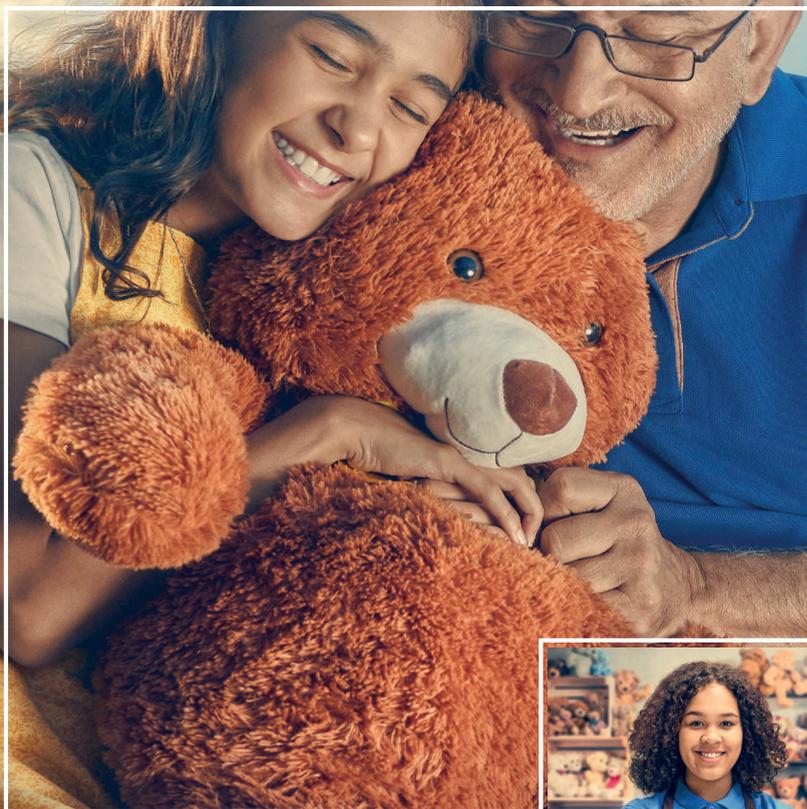
A escolha do implante deve ser feita de comum acordo entre o paciente e o oftalmologista, e deve levar em conta o perfil e as necessidades de cada pessoa em particular.

A cirurgia da catarata é, nos dias atuais, uma das mais realizadas em todo o mundo e é capaz de melhorar muito a qualidade de vida dos pacientes, principalmente se levarmos em conta que cerca de oitenta por cento da relação de um ser humano com o mundo exterior ocorre através da visão.

*Almir Guiaroni é escritor. Livros publicados: *Elos Invisíveis*, *As Cores da Vida*, *Uma Vida Não Basta*. Vencedor do Prêmio Varilux por três vezes.

Em todos os momentos da sua vida,
**o comércio de bens,
 serviços e turismo está lá.**

#emtodososmomentos



A vida é feita de emoção. De sonhos e conquistas.
 De planejamento e realização. E em todos os momentos, pode olhar:
 O comércio de bens, serviços e turismo está sempre ao seu lado.
 Trabalhamos para que esses setores sejam fortes e gerem emprego e renda.
 Mas, principalmente, que eles façam a sua vida muito especial.

**CNC. Em todos os
 momentos da sua vida.**

Nunca mais vi Alice

Por Ozias Filho*

*o que guardo no coração? / o poema que fiz para Alice / o poema que entreguei para Alice à porta do bar na Rua Farani / o beijo na boca que ganhei de Alice por causa do poema (...)*¹

Nunca mais vi Alice, após aquele beijo cinematográfico e irreal à porta do bar da Rua Farani, em Botafogo. Alice era aluna do primeiro ano de Jornalismo da Faculdade Hélio Alonso, onde morei, oficialmente, alguns dos meus melhores anos de sempre. Daquele beijo resta o doce sabor, o fragmento que se esconde na parte mais esquecida da memória, e que só vem ao de cima quando o corpo e o ânimo estão em decadência. Resta um pouco de Alice no meu cofre, no poema que encerra um código de acesso ao passado, mas que torna real todos os fantasmas no exato momento em que os ressuscitamos. Alice simplesmente desapareceu depois daquele beijo. Nunca mais vi Alice.

Nunca mais vi Rosane, o meu primeiro grande amor de faculdade, a primeira namorada. O amor, neste tempo, era algo inconsequente, infantil, volúvel como todos os cheiros acabados de sair da adolescência. Por ela, cheguei a sonhar, sentia-me grande, muito maior do que aquilo que eu e as minhas competências podiam oferecer e não ofereceram. O namoro acabou, uma tristeza profunda adveio e um primeiro desgosto de amor instalou-se até o aparecimento de um outro grande amor... a senhorita M., a senhorita T., a senhorita R. (que não se chamava Rosane) e, algumas senhoritas depois... Leonor, aquela que prendeu o meu coração até os dias de hoje, e que era aluna de outra universidade.

Nunca mais vi os meus parceiros de cineclube, o Alberto R., o Cal G. e o Marcelo A., que morreu de Aids e que levou com ele um bocadinho da juventude de cada um de nós. Bons tempos das sextas-feiras à noite, com cada sessão de cinema a arrebentar pelas costuras de tão cheia que ficava a sala de projeção; tempos de atritos com a direção da faculdade, pois cada sessão era acompanhada pela deliciosa maresia da maconha que inebriava o recinto.

As vozes da delação bateram com a língua aos ouvidos da direção, que não gostou das boas novas, e ameaçou retirar o espaço onde decorriam as sessões do Cineclube Limite (que depois virou Z). Nós, dirigentes idealistas do cineclube ripostamos, contrapondo que a universidade era um espaço de liberdade e de experimentação. A faculdade manteve-se irreduzível. Nós organizamos um debate no auditório, sobre a liberdade de algumas drogas na faculdade. Os alunos, professores, curiosos, maconeiros e outras tribos marcaram presença e, no final, o bom senso (a lei) da maioria levou a melhor: sessão de cinema sem maconha 227, sessão de cinema com maconha 198 (números fictícios, ora pois). Atritos à parte, a lembrança mais nostálgica que guardo destes dias é a de ver a minha película preferida, *Blade Runner* (que já assisti 34 vezes no cinema ao longo da minha vida), envolto num fumacê da erva maldita; mesmo quem não fosse adepto deste desporto ficava algo alucinado só pela densidade do fumo, que emprestava a qualquer filme projetado uma aura de glamour.

Nunca mais vi o meu amigo Ricardo, a primeira e única pessoa na faculdade com quem saí na porrada; logo eu, com este corpo de jogador de baralho e, o outro, um armário de porta aberta de frente para mim. É uma das recordações que guardo com algum carinho, pelo inusitado da situação; afinal nunca fui apologista da violência e não sou o típico macho-alfa que anda solto pelas ruas, com vontade de bater em toda gente. Mas vejamos este pequeno episódio caricato da minha trajetória universitária.

Era uma vez um rapaz (eu), vinte e dois anos de puro idealismo (eu), que apesar de tímido (eu), era muito popular na faculdade e que, um belo dia, sente-se observado, ostensivamente, por um outro rapaz que, não sendo gay (como eu), andava sempre acompanhado de outros

rapazes com tomates cheios (expressão portuguesa que pode traduzir-se por um período de abstinência sexual ou, na linguagem popular masculina, “homens com falta de mulher”) prontos para o jogo de futebol (como convém nos locais onde se educam as pessoas). Este olhar inquiridor logo ganhou ares de intimidação seguido de provocação, desafios gestuais e risadinhas grupais.

Mas como todo o medo tem o limite do nosso amor próprio, o jogador de baralho (eu), franzino (eu), ganhou coragem e mandou-lhe o seguinte petardo: – tu és muito bonito cara (nestes anos ainda estavam em uso esta expressão), deves fazer imenso sucesso com as mulheres e, por isso, estás sempre acompanhado por estes homens todos.

E enquanto eu falava, as minhas pernas deixavam o seu estado de letargia para trás e seguiram na direção do meu inimigo das últimas semanas... das pernas brotaram mãos e das mãos socos, pontapés e escoriações nos dois lados da barricada; logo apareceu o pessoal do “deixa disso” e, separados pela segurança da faculdade, cada um seguiu para o seu lado com as verdades repostas no seu devido lugar; eu, com a certeza triunfante de ser campeão de nenhuma coisa e ele, na altivez do campeão de coisa nenhuma. Certo dia, um amigo me disse que dois homens só se respeitam de fato quando saem na porrada um com o outro. Apesar de não concordar com esta filosofia da testosterona, neste caso específico, o que aconteceu foi que, passado muito pouco tempo, eu e o Ricardo estávamos bebendo umas cervejas na Rua Farani e, detalhe, nunca falamos sobre o ocorrido.



imagem @freepik.com

Nunca mais vi Flávio, colega de turma e de biritas. Nunca mais o ouvi dizer: “Brizola mandou tratar o bandido por cidadão.” Parecia um disco arranhado, estava sempre a repetir a mesma ladainha; mas era um bom diabo e juntos percorremos – à caça das mulheres, do paraíso e da perdição – muitos bares, pulgueiros, espeluncas de final de noite, e forrós em São Conrado, Catete ou no Centro do Rio de Janeiro. Não havia bar (ou algo que se parecesse com um) que não conhecêssemos; do Leblon à Zona Norte, tudo era passado a pente fino pelo nosso escrutínio e, o final, quase sempre era o mesmo: nenhum glamour, ou gente bonita, e a companhia do angu do Gomes, na Praça XV, no Centro da cidade, às quatro da

matina. Até hoje ainda estou para perceber porque nunca tive uma intoxicação alimentar por ter comido aquela iguaria ao final de cada noite bem regada. Tempos bem vividos do sexo puro e sem espinhas, muito mais do que o *rock and roll* ou as drogas; tempos em que inventaram a danada da Aids, e as camisinhas passaram a estar em todas as carteiras, porta-luvas ou no bolso de trás das calças jeans surradas, e quase sem nenhum indício.

Nunca mais vi Irapoã e a sua alegria que invadiam qualquer espaço por onde passava. Nunca mais ouvi aquela voz cristalina que cantava *Nascente*, na sua interpretação a imitar à do Grupo 14 Bis, e emocionava todos à sua volta. Nunca mais vi o amigo que sofreu um acidente de bicicleta, ficou paralisado e aflorou o pior de nós mesmos: a impotência e o egoísmo.

Nunca mais vi o olhar maternal de Louise, o sorriso espaçoso de Mariângela, a língua afiada de Janete, a beleza índia de Liliana, a doçura da Patrícia T., a voz aguda de Claudinha. Nunca mais vi os meus amigos de faculdade. Nunca mais me olhei naquele espelho.

Nunca mais vi aquele Ozias dos tempos de faculdade; tão completo, tão sem amarras, utópico, sonhador sem limites. Mas hoje, também sou um bocadinho daquele Ozias que fui; a diferença reside na capa de maturidade que temos de vestir para parecermos homens sérios e de respeito. Por isso sou feliz, mas fragmentado. Uma colcha de retalhos que muda conforme a cor de cada trapo, mas que visto de longe não deixa de ser agradável aos olhos. De perto, lá estão as mazelas dos anos em cada costura, em cada dobra. Mas sou feliz por ter tido a possibilidade de viver aqueles anos; sou feliz porque também sou o somatório destes anos de ouro, e que eles estarão sempre vivos em todas as vezes que eu os nomear.

¹ – Extrato do poema Cofre, do livro *Poemas Infantis para Quando Eu for Grande*, de Ozias Filho

*Ozias Filho é poeta, fotógrafo, jornalista e editor. Autor de *Poemas do Dilúvio*, *Páginas Despidas*, *O Relógio Avariado de Deus*, *Insulares*, *Os Cavalos Adoram Maçãs e Insanos*.

Personae non gratae

Por José Carlos Gentil*

Pessoas não gratas (*personae non gratae*), conforme nos ensina Deonísio da Silva, latinista e um dos mais importantes literatos do Brasil, são aquelas criaturas insanas, doentias, insertas na *Convenção de Viena sobre relações diplomáticas* (Decreto nº 56.435, de junho de 1965), conforme artigo 9º, que desconhecem normas e acordos internacionais.

A Convenção de Viena, da qual o Brasil é signatário, preceitua de forma lapidar e cristalina: “Conscientes dos propósitos e princípios da carta das nações unidas relativos à igualdade soberana dos estados, à manutenção da paz e da segurança internacional e ao desenvolvimento das relações de amizade entre as nações.”

Recentemente, veio a lume um estudo percuciente acerca da insanidade governamental, respaldado por ilustres psiquiatras nacionais e internacionais, tais como Sigmund Freud, Valentim Gentili Filho, Jacques Lacan, Guido Palomba, Cesare Lombroso, Juliano Moreira, Robert Hare e Andrej Lobaczewski, ilustre psiquiatra polonês, criador da Ponerologia – Estudo do Mal. Andrej ensina-nos que Ponerologia é: “Um sistema de governo forjado por uma minoria psicopata. Ocupam não só cargos políticos, mas posições de referência moral e intelectual – incluindo-se aí as salas de aulas e cátedras universitárias, como “os pedagogos da sociedade” – pessoas fascinadas por suas ideias grandiosas, frequentemente limitadas e com alguma mácula derivada de processos de pensamento patológico, que se esforçam para impor suas teses e métodos, empobrecendo a cultura e deformando o caráter das pessoas.” Inúmeros outros seguidores secundaram o Pai da Psiquiatria – Philippe Pinel (1745-1826).

A mitologia grega enunciava que as moiras – três irmãs fian-

deiras, filhas de Nix (a noite), que, em seu tear, utilizavam a Roda da Fortuna a determinar o destino dos deuses e dos humanos. Esta visão helena embasou um monólogo de Erasmo de Roterdã, em sua magna obra – *O Elogio da Loucura (encomium moriae)*, em 1511, mostrando-nos que a insanidade (loucura) é uma condicionante da mente humana, caracterizada por pensares anormais ou pela realização de coisas estapafúrdias.

A nave dos loucos é um quadro do renomado Hieronimus Bosch (1490), encontrado no Museu do Louvre, que descreve o mundo e seus habitantes humanos como uma nau, cujos passageiros perturbados não sabem e nem se importam em saber para onde estão indo. Essa pintura de Bosch ganhou expressividade pictórica quando foi citada por Michel Foucault em seu livro *Folie et Déraison*, em 1961, onde o louco é considerado como alguém descontrolado e perigoso, alavancando a Psiquiatria.

Pobre Brasil! Continente de analfabetos e de dirigentes anômalos! O Código Civil brasileiro, de 1916, em seu artigo 5º, estabelecia: “São absolutamente incapazes de exercer pessoalmente aos autos da vida civil: I - ... - II - Os loucos de todo gênero.” Todavia, com o advento do novo diploma cível, retiraram o item II, permitindo que os manicômios fossem esvaziados, a liberar os loucos de todo gênero para conviverem em sociedade como seres normais. A partir de então, alguns lunáticos passaram a ocupar até cargos públicos, esferas ministeriais e senatoriais, além de outros meandros mandamentais. Alguns desajustados saltitantes enquadram-se na definição clínica de insanidade, a processar o próximo, a considerarem-se, permanentemente, como parte lesada, desamparados pela Lei. Algo rocambolesco, insano e malsão!

Fixaram a data de 18 de maio como Dia Nacional da Luta Antimanicomial (Lei nº 10.216 – 2021). É uma falácia afirmar que o Estado exerça a terapia do cuidado, embora devesse! Na prática, quem protege? O Estado? Esta Lei? Pura fantasia legislativa... Ser apontado como *persona non grata* é a cristalização da insanidade governamental! Assim, foi ultrapassado o limite do Rubicon – *alea jacta est!*

*José Carlos Gentil é presidente honorário da Academia Brasileira de Letras.



Toda teoria tem um Lado PRÁTICO. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

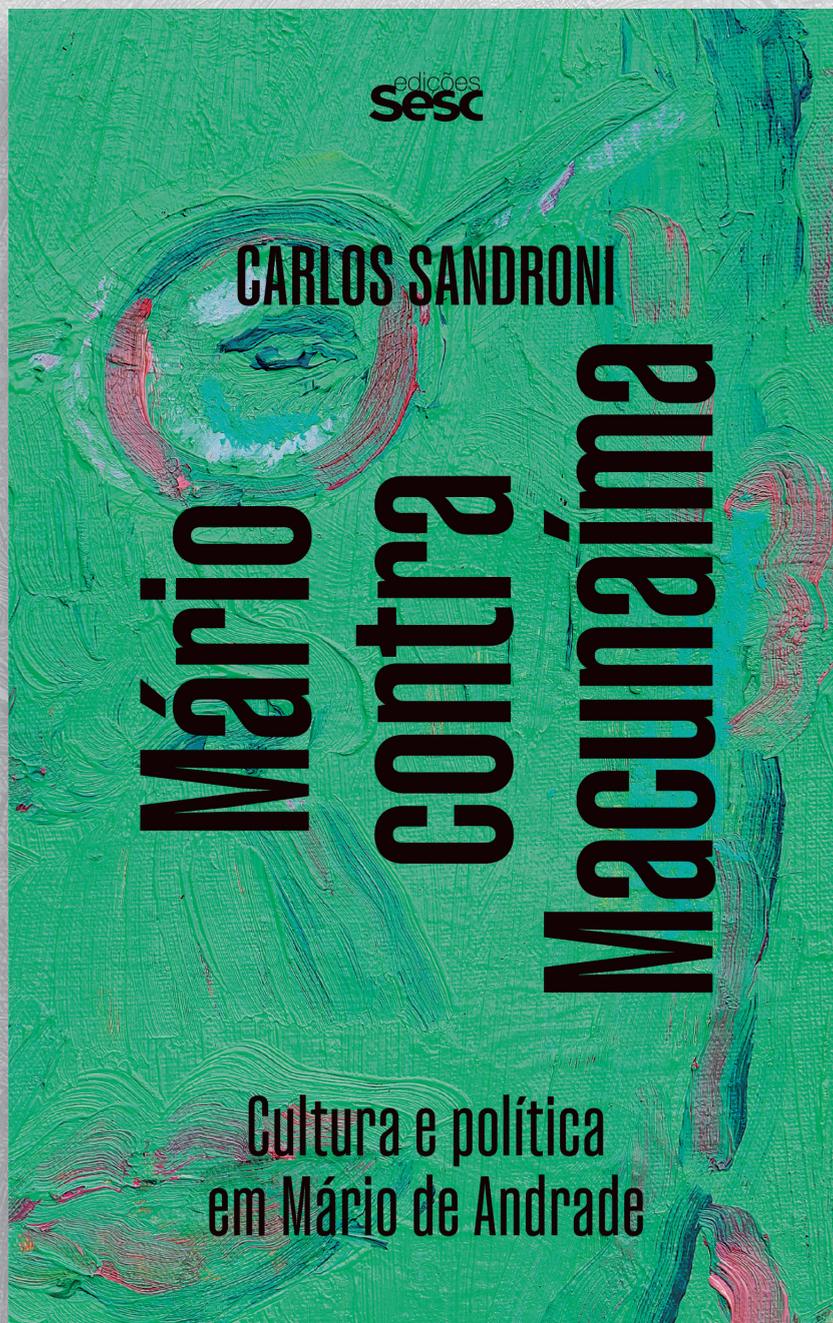
- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545

 CENTRO DE INTEGRAÇÃO EMPRESA-ESCOLA RIO DE JANEIRO

Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



Referência para estudos sobre gestão de bens culturais, este livro, agora revisto e atualizado, apresenta a pesquisa do compositor e escritor Carlos Sandroni acerca da atuação de Mário de Andrade na direção do Departamento de Cultura de São Paulo, oferecendo uma interpretação perspicaz que contrapõe os ideais do gestor público às características que consagraram seu icônico personagem Macunaíma.

sescsp.org.br/edicoes



edições
Sesc